

# HUMANITÁRIA

BIBLIAS  
DE  
DIAMANTE  
bibRIA



≡ DA ≡  
ASSOCIAÇÃO  
HUMANITÁRIA  
DOS BOMBEIROS  
VOLUNTÁRIOS  
DE AVEIRO

FL  
06+61  
233



DR. FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES  
Governador Civil de Aveiro

1882



1957



DR. ÁLVARO DA SILVA SAMPAIO  
Presidente da Câmara de Aveiro



BIBLIOTECA  
municipal de aveiro

FUNDO  
LOCAL



BIBLIOTECA  
municipal de aveiro  
PUBLICAÇÕES  
PERIÓDICAS

# A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

ao comemorar o seu 75.<sup>o</sup> Aniversário saúda o Governo, Entidades Ofi-



Coronel SERAFIM DE MORAIS JÚNIOR  
Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte

ciais, Corporações congêneres e todo o povo e Colectividades do Distrito

Nº de Registo: 4385



República Portuguesa  
O Presidente da República  
Grão-Mestre das Ordens Portuguesas

Confere à Associação Humanitária dos Bombeiros  
Voluntários de Aveiro  
o grau de Comendador da Ordem  
de Benemerência.

Nos termos do regulamento da mesma Ordem são-lhe concedidos  
as honras e o direito ao uso das insígnias que lhe correspondem.

Dado em Lisboa e Laços do Governo da República, aos 9  
de Março de 1929.

António Oscar F. Carmona

José Vicente de Freitas

O Chanceler da Ordem,  
Pedra Foaí da Cunha.

**H**Á males que vêm por bem, diz o nosso povo. *À quelque chose malheur est bon*, dizem também, no mesmo sentido, os franceses. E a própria Igreja, entrando no mesmo espírito de observação e de crítica, chama à culpa do homem uma culpa feliz — *oh felix culpa*, porque teve o mérito, embora negativo, de nos trazer como consequência um tal Redentor!

# O MEU GRÃO DE INCENSO

Por D. JOÃO EVANGELISTA DE LIMA VIDAL

A mim não me lembra já nada do incêndio que devorou o Convento de Sá, ainda que esteja na ideia de que esse fogo não tenha sido anterior à minha idade. Nem me lembra de que a minha mãe, que habitou nessa casa até à data do seu casamento, nos tenha entretido alguma vez com a narração da desgraça; o que não tira nada à verdade histórica das chamas que alarmaram a terra e consumiram por inteiro o Mosteiro de Sá.

Dessas ruínas, porém, brotou uma vida, como das cinzas da Fénix ressurge uma águia ainda mais poderosa e mais bela. Do braseiro de Sá nasceu, com efeito, a ideia profunda de se evitar no futuro a repetição da catástrofe.

Logo ali, por entre as labaredas, começou a fermentar a instituição dos bombeiros. E, como semente lançada à terra fértil, o pequenino grão tomou depressa volume maior até ser isto que nós todos estamos a ver, consolados, cheios de esperança, diante dos nossos olhos maravilhados.

Diz-se na «Humanitária» que as corporações dos bombeiros são

## SAUDAÇÃO

Com duplo prazer acedo ao convite que me foi dirigido para colaborar neste número especial de homenagem à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, que festeja agora o seu 75.º aniversário.

Como Governador Civil saúdo essa prestimosa Associação de dedicados servidores do bem público em tão útil e desinteressada missão, desejando-lhe as maiores prosperidades e afirmando-lhe todo o apoio às suas legítimas aspirações.

Como aveirense formulo os melhores votos para que esta cidade atinja, em tão simpática e altruísta devoção ao amor do próximo, a mais elevada altura na sua organização e na eficiência dos seus serviços.

O ideal de bem-fazer do Bombeiro deve ter no coração de todos lugar de honra. Creio que a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro vive, efectivamente, na gratidão dos aveirenses que não esquecem o muito que lhe devem.

FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES

compostas principalmente por gente do povo, trabalhadores, pescadores, operários, homens do campo ou das oficinas, das mais humildes profissões sociais.

Isto é uma verdadeira consagração, quase diria uma auréola de santidade. São os mais pobres, os deserdados, os que pouco ou nada têm a sofrer com o fogo, são esses mesmos, sem sombra de inveja, sem ressentimentos da sorte, que mais se esforçam e se arriscam para salvar a fortuna dos grandes. A mim, só pensar nisto, as lágrimas me vêm logo aos olhos. Não se pode ter uma alma mais heróica, mais magnânima.

Mas longe de mim poder pensar que esta espantosa magnanidade seja privilégio exclusivo dos braços fortes do operário ou do cultivador dos campos. Todos se lembram de que, em Lisboa, quando os sinos tocavam a fogo, o primeiro a aparecer no local do sinistro, com os cabelos ao vento, com o machado e o martelo nas mãos, com o coração a desdenhar dos perigos, era o Infante D. Afonso, muito mais esplendoroso e mais belo no ataque ao incêndio do que pomposo e cheio de fausto nas cerimónias da corte. Até lhe ficou, com a pressa desses momentos, o nome popular e ingênuo com que o povo consagrou a sua pitoresca personalidade e, por assim dizer, lhe gravou no caixão: *Arreda!*

E, se aqueles que vivem mais do espírito e da inteligência do que da força dos músculos, os chamados intelectuais, não aguentam frente a frente com os esforços de lutas tamanhas, não deixam no entanto de comparecer no teatro do valoroso combate, fazendo aquilo de que é capaz a sua carne mais frágil: levar algum balde de água à mangueira ou ajudar em pequenos acessórios detalhes o génio e o esforço dos grandes trabalhadores. Todos ali se encontram juntos, verdadeiramente nivelados, nessa obra de salvação!

Aveiro, 29 de Dezembro de 1956.

† JOÃO EVANGELISTA,  
Arcebispo-Bispo de Aveiro

Nas **BODAS DE DIAMANTE**  
da Associação Humanitária  
dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

# 75 anos de altruísmo

pelo Dr. HUMBERTO LEITÃO

NOS tempos idos, e por mercê de Deus, poucas vezes Aveiro sentiu a tragédia do fogo, o terror dos grandes incêndios. Podem contar-se: — em 1628, no Paiol, na antiga Capela de S. João, no Rossio, havendo mortes; em 1712, na sacristia do Convento de Santo António; em Outubro de 1843, no Convento de N. S. da Misericórdia; em 20 de Julho de 1864, no antigo Palácio dos Tavares, senhores de Mira, construído em 1500, que fora o Paço dos prelados do Bispado de Aveiro, na rua dos Tavares, e onde, desde 1849, se achavam instaladas as repartições do Governo Civil; e em 19 de Novembro de 1865, na estação do caminho de ferro, inaugurada no ano anterior.

Talvez por isso mesmo, por essa feliz raridade, apenas em meados do século passado apareceram aqui os primeiros apetrechos para combater o fogo, rudimentares, pequenas bombas braçais de escasso rendimento, propriedade municipal — no momento próprio postas à disposição do público que, generosa e voluntariamente, accorresse ao local do sinistro.

Desse público, bemérito anónimo, disposto ao sacrifício máximo nos momentos de perigo, suprimdo largamente com o coração e com os músculos o que lhe faltava em preparação técnica, encontramos fiel retrato na um jornal aveirense da época, do pavoroso incêndio que, na noite de S. João do ano de 1871, destruiu completamente um dos melhores edifícios de Aveiro, o Palácio dos Viscondes de Almeida:

«... Eram 2 horas e meia da madrugada. A noite, até ali ventosa, estava serena, girando apenas uma tépida bagagem. Aqueles que se tinham entregado aos divertimentos próprios da ocasião, haviam-se recolhido. Tudo jazia em silêncio. Neste momento, um sinal sinistro

## Admiração pelo sacrificio e pela coragem

Há muitos anos já, desde que pissei terras de Aveiro, que nutro profunda simpatia e admiração pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, que agora festeja o 75.º aniversário da sua fundação. Esta admiração é-lhe devida não só por mim, mas também por parte de todos os aveirenses que saibam avaliar o sacrificio alheio, que reconhecem a abnegação de um punhado de homens que, com risco da sua própria vida, acorrem pressurosos a salvar a vida e os haveres dos seus semelhantes não importa quem nem onde. Uma tal benemérita instituição, cujos servidores levam tão longe o espirito de sacrificio e o sincero desinteresse material, não pode deixar de ser acarinhada, auxiliada e admirada por todos, seja qual for a sua indole ou condição. Estou seguro de que ninguém regateia louvores a esse sacrificio e deixa de prestar homenagem ao valor, abnegação e coragem dos nossos Bombeiros.

Setenta e cinco anos de incansável actividade, impregnada de humanitarismo, é a maior folha de serviços que uma instituição desta natureza pode apresentar. Daqui a saúde por esta feliz data e presto sincero culto aos seus fundadores e continuadores.

Paços do Concelho, 3 de Janeiro de 1957

ALVARO SAMPAIO

magnífica e viva descrição, dada por

e que, felizmente, poucas vezes se ouviu entre nós, despertou os habitantes, de improviso: — eram toques acelerados de incêndio, dados não só nas torres dos diferentes templos e conventos da cidade, mas também na dos Paços do Município. O palacete do Sr. João Car-

los do Amaral Osório, Visconde d'Almeidinha, situado no Terreiro, ardia de uma maneira que difficilmente se tornava salvá-lo.

«O incêndio manifestou-se a um canto da casa do segundo andar, do lado de sudoeste, e as rubras chamas, lambendo com incrível rapidez quanto encontravam, aproximaram-se do cume do edificio em pouco minutos. Houve, então, uma dessas cenas medonhas que aterram quem as presenciam: o ígneo elemento assumia proporções terríveis, e as línguas de fogo, flutuando envoltas em espesso fumo, subiam a grande altura. Dir-se-ia o Etna, vomitando, de seu seio, ardentes lavas. Após isto, uma detonação longa e medonha, e baqueia o tecto daquela bela casa, seguindo-se-lhe um estrépito rouco e pavoroso.

Daí a pouco brilhava a flama ardente por entre as vidraças, e estas, não podendo suportar o fogo, estalavam umas após outras. Viam-se, então, as chamas, como farpadas línguas de serpentes, a saírem pelas diferentes janelas, parecendo quererem devorar, naquella precipitação assoladora, quanto lhes obstava a passagem.

«Era um espectáculo sublime de horror e desolação!

Ao local do incêndio logo affluíu gente de toda a parte. Ali se viam as pessoas mais gradas da cidade, e entre ellas os srs. Governador Civil, Administrador do concelho, e seu secretário, e o destacamento aqui estacionado, com toda a officialidade, que comprouceu logo no Terreiro.

«Apareceram também bombas, que prestaram serviço, mas no estado em que o fogo se achava, impossivel era salvar o edificio. Obraram-se ali prodigios, e muitos individuos arrostaram com a morte para salvarem o que podiam.

«É nestas occasiões criticas que se revela o génio prestante dos habitantes desta cidade. Mancebos ali apareceram, e homens já de idade, tão corajosos que entravam e saíam na casa a salvar móveis e o que encontravam, com tal denodo, que nem os intimidava o fogo a crepitar por sobre suas cabeças. Era o heroísmo e a vontade inabalável de ser útil á humanidade.

«Daquelle belo edificio — onde tantas festas beneficentes se realizaram, e onde

o luxo, o fausto e a sumptuosidade rivalizavam com as riquezas assombrosas do Conde do Farrobo, — apenas restam as paredes desmanteladas e em ruínas, com as janelas sem portas, e enegrecidas pelo fumo. Assemelha-se aqúelle palácio, que era um dos formosos ornamentos de Aveiro, a um esqueleto, com as fauces escancaradas, despertando a mais séria reflexão nos que o contempnam!

(De «O Campeão das Províncias»)

Este impressionante incêndio ficou, por muito tempo, na lembrança da nossa gente, e ainda a sua trágica recordação se não havia desvanecido quando, na madrugada do dia 12 de Janeiro de 1882, um novo e gravíssimo sinistro — então no Convento de Sá — alarmou a cidade, a ponto do Presidente da Câmara Municipal, **Ma-**

**nuel Firmino de Al-**

**meida Maia**, em sessão

nesse dia efectuada, e atentas

as precárias circumstâncias

em que o Município se en-

contrava em relação ao ma-

terial de extinção de fogos,

que possuía, que não satis-

fazia as necessidades, propo-

ria a aquisição urgente de

uma bomba nas condições

precizas para bem servir, e

também dos mais aprestes

que são indispensáveis em

casos tais, como escadas,

machados, baldes, escadas

de salvação, etc., tudo, fi-

nalmente, o que a ciência

aconselha no que respeita

ao serviço de extinção de

incêndios». Esta proposta foi

aplaudida, com entusiasmo, por toda a Câmara, que sugeriu ainda a urgente formação de «um corpo de bombeiros voluntários, capaz de desempenhar-se satisfatoriamente do encargo que tão nobre e elevada missão impõe».

Assim nasceu, naquele dia, a primeira corporação de bombeiros de Aveiro. Tomou, de início, o nome de Companhia de Bombeiros Voluntários, para mais tarde se designar por Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro.

Da sua fundação legal dá conta a acta seguinte:



DR. HUMBERTO LEITÃO

Presidente da Direcção



**AUGUSTO PINHO VARELA**  
Secretário da Direcção

«Às doze horas da manhã do dia 28 de Novembro de 1882, na sala das sessões da Câmara Municipal, achando-se reunidos os indivíduos que assinam, tomou a palavra o cidadão **Francisco Augusto da Fonseca Regala**, e disse que tendo sido procurado, em nome dos indivíduos presentes, por uma comissão composta dos cidadãos **José Maria de Carvalho Branco, Manuel Homem de Carvalho e Christo, José Vieira da Costa, Fernando Homem de Christo e José de Azevedo Leite**, afim de o convidarem a acompanhá-los na organização de uma Companhia de Bombeiros Voluntários — que eles, a pedido da Câmara Municipal deste concelho, desejavam constituir, para se exercitarem no manejo das máquinas e demais material que o Município possui, destinado à extinção de incêndios, e dele se servirem quando alguma destas calamidades se manifestem no concelho, concorrendo com os seus esforços e trabalho para a debelação dessas calamidades, — estava pronto, não só a fazer parte dessa Companhia, mas para, com o seu auxílio e boa-vontade, concorrer para que tão generosa ideia fosse por diante.

Disse mais que a mesma comissão o encarregara de redigir um projecto de Estatutos, que fossem depois de competentemente aprovados, a lei da mesma Companhia; e que desse encargo se desempenhara o melhor que podera,

e vinha apresentar o seu trabalho à aprovação da assembleia presente nesta sala.

Em seguida propoz que eu, **Francisco de Pinho Guedes Pinto** fizesse nesta reunião, e desempenhasse as vezes de secretário, o que, sendo aprovado pela assembleia, procedeu o mesmo cidadão, **Francisco Regala**, à leitura do projecto de Estatutos, o qual, sendo posto à discussão, foi unanimemente aprovado pela assembleia, e em seguida assinados três exemplares deles para serem remetidos à Câmara Municipal, a fim de por ela serem aceites, na parte que lhe dizem respeito, e depois enviados à autoridade administrativa para a aprovação legal.

Deste modo deu-se a Campanhia como provisoriamente constituída, devendo-se regular pelas disposições dos mesmos Estatutos deste dia em diante, e declarando-se logo que, desde que o projecto agora aprovado não sofra alteração alguma da parte da Câmara Municipal ou da autoridade administrativa, se considerem como definitivas as resoluções nesta sessão tomadas.

Depois disto propoz o mesmo cidadão, **Francisco Regala**, que vista esta resolução da assembleia, julgara conveniente que imediatamente se procedesse à eleição dos cargos da Companhia, o que, sendo aprovado pela assembleia, logo se efectuou por aclamação, com o seguinte resultado:

Comandante — *Francisco Augusto da Fonseca Regala*

**Na 1.ª secção:**

Primeiro Patrão — *José Maria de Carvalho Branco*

Segundo dito — *José Vieira da Costa*

**Bomba n.º 1:**

Primeiro agulheta — *João de Oliveira Christovam*

Segundo dito — *Manuel Tavares da Graça*

Primeiro ajudante — *Rufino de Sousa Lopes*

Segundo dito — *Manuel da Rosa*

**Bombas n.ºs 2 e 3:**

Primeiro agulheta — *João Augusto de Sousa*

Segundo dito — *José Bernardes da Cruz*

**Na 2.ª secção:**

Primeiro Patrão — *Manuel Homem de Carvalho e Christo*

Segundo dito — *Fernando Homem de Christo*

Aspirante — *Manuel da Rocha*

Director de ambulância — *João Bernardo Ribeiro J.º*

Fiscal de material — *Francisco Pinho Guedes Pinto*



**DR. JOÃO LAPA DE OLIVEIRA**  
Tesoureiro da Associação

Em seguida, cada um dos eleitos agradeceu à Assembleia a confiança neles depositada, acrescentando o Comandante que, nas atribuições do cargo que lhe tinha sido conferido, desde já determinava que comesçassem os exercícios da Companhia, aproveitando assim o auxílio que a Câmara Municipal ofereceu, influnido para que viesse a esta cidade o segundo patrão da Companhia dos Bombeiros Voluntários do Porto, sr. José Rodrigues Barrote, expressamente para instruir a Companhia no serviço a que se destinava, e que, estando já entre nós o mesmo senhor, era necessário aproveitar as suas lições, — e propoz que, nesta acta, se mencionasse a gratidão com que a Companhia recebia mais este auxílio da Câmara Municipal, bem como os serviços que o sr. Barrote, generosa e dedicadamente ia prestar à mesma Companhia.

E não havendo mais que resolver se encerrou a presente sessão preparatória, de que se lavrou a presente acta, que vai ser assinada por todas as pessoas presentes, depois de lida por mim **Francisco de Pinho Guedes Pinto**, servindo de secretário da Companhia, que a a escrevi e também assino.

aa) *Francisco Augusto da Fonseca Regala, Manuel Homem de Carvalho e Christo, José Maria de Carvalho Branco, José Vieira da Costa, Júlio da Rocha, Manuel Ferreira, José d'Azevedo Leite, Fernando Homem Christo, José Marques d'Almeida, José Bernardes da Cruz, João Augusto de Sousa, Manuel da Rosa, Manuel Tavares da Graça, Rufino de Sousa Lopes, João de Nunes da Maia, Miguel dos Santos Gamelas, João de Oliveira Chrisostomo, João António da Graça, Sertório Maria Afonso, João da Silva J.º, Francisco Ferreira, António Marques d'Almeida J.º, João Bernardo Ribeiro J.º, Anselmo Ferreira, António Duarte dos Santos Gamelas, António de Sousa Marques, Júlio da Rocha, Jerónimo Marques d'Oliveira, Luis Benjamin, Manuel da Rocha, e Francisco de Pinho Guedes Pinto.*

Um mês depois, exactamente, em 28 de Dezembro, com a aprovação official dos Estatutos, ficou a Companhia legalmente constituída; e, no dia immediato, pelas 11 horas da manhã, na «casa que serve de estação das bombas e máchinas», com a presença do Presidente da Câmara, **Manuel Firmino de Almeida Maia**, procedeu-se à entrega do material de incêndios que a Câmara possuía. (Cabe referir aqui que foi com a Câmara de Dr. Bento Rodrigues Xavier de Magalhães que, em 1858, vieram para Aveiro as duas primeiras bombas de incêndio).

Começou, então, uma fase de preparação intensa levada a cabo com indescriível entusiasmo. O público, chamado a colaborar nesta obra de interesse colectivo, animou, com a sua presença, o «Grande Bazar», levado a efeito, no Jardim Público, em 3 de Maio de 1884, por iniciativa dos srs. Duarte Ferreira Pinto Basto J.º, Carlos Faria e Melo, António Ferreira de Araújo e Silva, João da Silva Melo Guimarães, António Augusto Duarte e Silva, João Augusto Marques Gomes e Francisco Vitorino Barbosa de Magalhães. As filarmónicas *Amizade, Aveirense* e da *Vista Alegre*, participaram graciosamente; o Montepio emprestou os seus pavilhões; e a população contribuiu com prendas para esta festa, que rendeu a importante quantia de 361220 réis.

O esforço daquele punhado de homens que, voluntariamente, se comprometera a velar pela vida e



JOSÉ RODRIGUES VIEIRA  
Vogal da Direcção



JOÃO SOARES  
Vogal da Direcção

pelos bens do semelhante, por todos era compreendido e animado. Assim...

«... O Governo Civil, tendo conhecimento do modo brioso com que a Companhia se portára no terrível incêndio que, na noite de 15 de Novembro de 1884, tivera lugar nas casas de habitação de José António de Resende, à Costeira, e dos relevantes serviços ali prestados pela mesma Companhia que, com grave risco e perigo de algumas das suas praças, conseguiu, a muito custo, evitar que o fogo se propagasse às casas vizinhas, por isso se julgar um dever da sua parte, desejava saber quais as praças que o Comandante entendia deverem ser condecoradas, pois que não podia pedir ao Governo condecoração para todas elas, como de toda a vontade faria, se fosse possível».

Pelo mesmo motivo, igualmente a Câmara Municipal, pelo seu presidente, felicitou a Companhia, agradecendo-lhe em nome da Cidade, os serviços que tão generosa e arrisadamente lhe prestou.

Em resposta, a Companhia absteve-se de indicar os nomes das praças a condecorar, porque essas distinções poderiam produzir rivalidades e promover a desarmónia entre os sócios. Para seu prêmio lhe bastava a satisfação de terem cumprido, cada um na medida das suas forças, como um dever que, voluntariamente e da melhor vontade, se impuzeram. Além disso, seria difícil distinguir os que mais serviços prestaram, pois todos se portaram denodadamente.

Em Janeiro de 1887 — sendo de 40 homens o efectivo da Companhia — a Câmara da presidência do Dr. Elias Fernandes Pereira resolveu conceder uma pensão pecuniária aos bombeiros, alistados há mais de um ano, que se inutilizassem no serviço de extinção de incêndios, ou às suas viúvas, entregando a Câmara à Companhia os júros de 2 inscrições de 100\$000 réis.

Em Fevereiro de 1888, o **Dr. Joaquim de Melo Freitas** foi nomeado Comandante, cargo que foi posteriormente ocupado pelo sr. **Carvalho Branco**,

em 1893, pelo sr. **João Bernardo Ribeiro Júnior**, em 1895, e pelo sr. **Manuel Gonçalves Moreira**, em 1897.

Conveniências da vida interna da Companhia levaram-na à dissolução, em Dezembro de 1898, transformando-a na ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE AVEIRO. A mesma gente, o mesmo material, iguais fins altruístas, — com novos moldes orgânicos, nova estrutura estatutária, e nova designação, — numa palavra, independência da tutela municipal, embora a Câmara, como era de justiça, auxiliasse com um subsídio anual.

Nos documentos da época aparecem como renovadores, os nomes de **Manuel Gonçalves Moreira, João de Moraes Machado, Manuel da Rocha, Luís Benjamim, João da Silva J.º, Teodorico Augusto da Silva, Firmino Fernandes, Manuel Ferreira, Manuel de Matos Bandarra, Pedro Soares, Joaquim dos Santos Gama, José Maria Pereira, Jerônimo Marcos de Carvalho, Lourenço de Oliveira Brandão, Isaias de Albuquerque, Abel Ferreira, João do Amaral Farture, Angelo Augusto Sérgio, João Pinto de Miranda, José Pereira Carvalho, Domingos Vieira Guimarães, Gaspar Augusto da Cunha e João Augusto de Mendonça Barreto.**

A nova Direcção reuniu pela primeira vez no dia 25 de Janeiro de 1899, sob a presidência do sr. **Dr. Joaquim Simões Peixinho.**

A Câmara Municipal, do Dr. Alvaro Moura Coutinho de Almeida d'Éça, deu facilidades e permitiu que o Quartel ficasse instalado numa antiga arrecadação camarária, na Rua de Santa Catarina, junto do Teatro Aveirense, com a condição da Associação alugar, por sua conta e por 12\$000 réis semestrais, um armazém onde se fizesse arrecadação. Então, pela primeira vez, contratou-se um contínuo ou chaveiro, mediante concurso e fiança de 50\$000 réis, o qual vencia o ordenado mensal de 9\$000 réis.



DR. ANTÓNIO PEIXINHO  
Médico do Corpo Activo

Nesse ano, sob um certo desajogo económico, efectuaram-se as seguintes aquisições:

- 150 metros de mangueira de lona, a 450 réis o metro;
- 1 bomba de chaminé, por 16\$820 réis;
- 5 lanços de escada Portuense, por 60\$000 réis;
- Bonés, por 1\$000 réis;
- e uma mobília para a Sala das Sessões, por 25\$000 réis;

Em 1909, graves desinteligências perturbaram a vida da Associação, e delas resultou a fundação, pelos elementos dissidentes, de uma nova corporação de bombeiros: — a Companhia de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes». Mas este incidente, longe de quebrar ânimos, mais ainda os acicatou.

Em Novembro de 1908, a Associação participou nas grandes festas de recepção ao Rei D. Manuel II; e, em 19 de Dezembro de 1909, assistiu à inauguração do obelisco da Praça do Comércio.

**Francisco Ferreira da Encarnação** era o Comandante em 1911.

Em 1913, inteiramente debelada a crise por que se passara, logo se pensou em melhoramentos. Em reunião de 10 de Setembro foi resolvido comprar um carro de escadas «Magyrus», de modelo pequeno e barato visto as condições das ruas da cidade não darem largura suficiente para modelo maior; e à Câmara foi pedida, entretanto, a construção de um novo quartel, visto o actual não se encontrar em condições e, além disso, não ter o espaço suficiente para arrecadar a escada «Magyrus» que se ia adquirir. A escada chegou em Março de 1914, mas, como não havia onde arrecadá-la, foi levada para as ruínas da igreja da Vera-Cruz. Erradamente supunham tê-la, ali, em bom abrigo, pois que, uma noite, forte ventania a fez voltar, partindo-a. Talvez por este acidente, a construção do novo quartel não demorou.

Em 1915 era Comandante o sr. **Júlio Cabral**, que, abandonando o cargo dois anos depois, deixou a substituição o 2.º Comandante sr. **Firmino Fernandes**. Este cargo, efectivo, foi ocupado, em 1921, após algumas tentativas de fusão de ambas as Corporações, pelo sr. **Isaias de Albuquerque**.

Em 1925, tomou posse a Direcção da presidência do sr. **Ricardo Mendes da Costa**, que, no ano seguinte, adquiriu a primeira moto-bomba, para substituição da antiquada e pouco rendosa bomba braçal. Os gestos de generosidade tornaram-se frequentes; de resto, as necessidades crescentes duma cidade em franco aumento impunham a urgente modernização de todo o material existente. As viaturas eram braçais: — os próprios bombeiros, auxiliados pelo garoto, que sempre acorria, eram quem puxava, até o local do sinistro, os carros que conduziam o material, donde resultava, além de tão abnegado ridículo, um cansaço antecipado dos que iam trabalhar com grande responsabilidades. Três aveirenses dedicados, grandes amigos da Associação, contribuíram, na altura, para a almejada renovação: — o sr. **Egas Salgueiro**, oferecendo, em Setembro de 1927, um automóvel «Humber», para ser adaptado a pronto-socorro; — o sr. **Dr. José Maria da Silva**, fazendo, em Abril de 1928, idêntica oferta; — e o sr. **Dr. António Nascimento Leitão**, em



PADRE MANUEL C. FIDALGO  
Capelão

Fevereiro de 1938, dotando a corporação com uma auto-ambulância, para o transporte de feridos.

O Governo da Nação, reconhecendo os valiosos serviços prestados pela Associação, distinguiu-a, em 16 de Março de 1929, com a comenda da ORDEM DA BENEMERÊNCIA; e, em 10 de Agosto de 1932, considerou-a INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA.

Nova viatura pronto-socorro foi adquirida em Outubro de 1932.

Em 1934, o comando foi entregue ao sr. **Tenente Alberto Daniel Machado**, lugar que ocupou até 1936, para ceder a vez ao sr. **Firmino Fernandes**, elemento valiosíssimo, a quem, em 1944, pouco antes da sua morte, foi prestada pública e solene homenagem, a quando do cinquentenário da sua vida de bombeiro.

**Marino Sousa Moreira**, foi o comandante seguinte. Tomou posse em 14 de Março de 1945, graças a ele, adquiriu-se em Londres a magnífica sereia de alarme que está a funcionar desde 6 de Setembro de 1946, graciosamente instalada, pelos Serviços Municipalizados de Electricidade, no telhado do Quartel, — acabando-se, assim, com o anacrónico sistema do toque do sino da torre dos Paços do Concelho.

Entretanto, a nova Direcção, empossada em 1 de Fevereiro de 1943, e ainda em exercício (aparte ligeira mudança de estrutura), substituiu toda a mangueira inutilizada no grande incêndio do Governo Civil, em 16 de Outubro de 1942, — exactamente no mesmo local onde ardera o Palácio dos Viscondes de Almeida, atrás referido; reorganizou a esquecida CAIXA DE SOCORROS, de auxilio pecuniário ao bombeiro, garantindo-lhe ainda assistência médica e medicamentosa em doenças adquiridas fora do serviço; conseguiu da Câmara Municipal o seguro contra acidentes, para todo o pessoal do Corpo Activo; adquiriu uma agulheta de espuma, e respectivas cargas, para incêndios de gasolina, óleos e aguarrás; modernizou os prontos-socorros, blindando um deles; com-

prou uma moderníssima e potente moto-bomba *Escol*; renovou todos os fardamentos; criou uma escola de aspirantes; e, não esquecendo a função social que lhe é devida, organizou, em 1952, a ÁRVORE DO NATAL DA CRIANÇA POBRE, que foi um êxito.

Ao sr. **António Folhadela de Melo**, técnico distintíssimo, que comandou a Corporação a partir de 15 de Julho de 1947, se ficaram a dever muitas inovações, ainda mantidas e muito apreciadas.

Em Março de 1949, alguns pequenos subsídios, e os donativos de uma subscrição de que se encarregaram as telefonistas desta cidade, por iniciativa da sua chefe, sra. D. **Alcina dos Santos Gil**, e que rendeu esc. 12.500\$00, permitiu — com os bons officios do Governador Civil de então, sr. **Coronel Dias Leite**, e um importante subsídio do Governo — adquirir uma nova ambulância, de 2 macas e assaz confortável, que útil e copioso serviço tem prestado a toda a população.

Por afastamento do Comandante Folhadela, e por parecer do digno Inspector da Zona Norte, foi nomeado para o exercício daquele cargo, em 21 de Agosto de 1950, o sr. **Albano Henriques Pereira**, dedicadíssimo elemento, que, há muitos anos já, e em vários cargos directivos, vinha servindo a Associação.

É já longa a vida desta ASSOCIAÇÃO HUMANITARIA, se a compararmos com os limites acanhados da vida humana; mas da vida humana só ela tem as consequentes dificuldades materiais de sobrevivência — porque a sua duração, função do auxilio no perigo, será infinita, como infinita é, no coração do Homem, essa magnífica virtude que se chama ALTRUÍSMO.

Janeiro de 1957.

HUMBERTO LEITÃO

# UMA CERTEZA!

**S**OLICITADA a colaboração desta Liga, para o número comemorativo do 75.º aniversário da Corporação dos Bombeiros de Aveiro, não podíamos ficar nem indiferentes, nem inaptos a tão honroso convite.

É sempre nossa obrigação moral, acompanhar as nossas federadas, nos seus momentos de alegria e de sofrimento, estar em todo o momento junto delas.

Cabem bem pois as nossas palavras, de alegria e de incitamento, pelo caminho já percorrido pela vossa gloriosa Corporação e para que possam continuar a fazer mais e melhor.

Todo o vosso passado está cheio de ensinamentos, de renúncia, de sacrifícios e de caridade cristã, e, podem aparecer agora que festejam o vosso 75.º aniversário com as consciências de bem terem cumprido a vossa missão de homens e de soldados da paz.

A vossa missão, das mais elevadas que conhecemos, não tem preço, porque parte do coração, e, destina-se a todos — amigos ou inimigos, ricos ou pobres, bons ou maus — e é prestada, muitas das vezes, com risco da vossa vida.

Mas essa dádiva total, não pode nem deve ser desbaratada, sob pena de perder muito do seu



**FRANCISCO AUGUSTO DUARTE**  
Membro do Conselho Fiscal



**ANTONIO FOLHADELA DE MELO**  
Comandante de 1948 - 1950

significado, tem de ser antes fruto de um amadurecimento moral e não consequência de uma acção intempestiva, sem produto para ninguém.

O Bombeiro tem de ser calmo, bravo e fiel ao seu ideal, e, como tal, deve medir o perigo, tomar todas as precauções para a sua segurança, defender também a sua vida tão útil para todos.

Estamos em presença de uma época em que o Bombeiro, tem preponderância destacada e isso obriga-o a não estagnar, a sair da rotina, e preparar-se intensamente para a luta contra o fogo.

Se na época actual o número de incêndios diminuiu pela aplicação de muitos materiais incombustíveis na construção civil, o progresso aumentou os riscos de incêndio pelo uso da electricidade, do aquecimento e dos carburantes, o que obriga a uma vigilância constante.

Outros perigos existem também, e esses requerem conhecimentos técnicos, que têm de ser ministrados a todos os que militam no voluntariado.

O trabalho realizado na vossa Corporação, atestado pelos 75 anos da vossa existência, são a garantia plena da maneira como trabalhai, e que merece todo o nosso apreço e respeito.

Podem os Aveirenses estar descançados, por terem como sentinelas vigilantes das suas vidas e haveres, abnegados Bombeiros como são os da sua Corporação.

MOURA E SILVA

Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses

# Altruísmo obscuro e anónimo

Pelo Dr. JOSÉ TAVARES

**T**RATANDO-SE de corporações de Bombeiros Voluntários, frisam-se, com razão, as qualidades de dedicação, renúncia e altruísmo de que dão provas os indivíduos que nelas se alistam, e evocam-se numerosos casos de coragem e valentia manifestados na ocasião de incêndios, cheias, tufões, etc., etc., pelos que abnegadamente e muitas vezes à custa da própria vida se votam à salvação da vida dos outros. Todas as agremiações de bombeiros recordam, a par dos seus heróis, os seus mártires.

Nas aldeias, em caso de sinistro de qualquer natureza, nem sempre se pode contar com o auxílio de bombeiros: as povoações mais afastadas dos centros em que elles existem têm exclusivamente a protegê-las o heroísmo dos próprios habitantes. Surgindo, por exemplo, um incêndio, dá-se o rebate na torre da igreja matriz ou tângendo a sineta da capelinha mais próxima. Dentro de pouco, inteirados do que se passa, aparecem de todos os lados, na ânsia de prestar qualquer auxílio, homens, mulheres, e até crianças... Há sempre alguém, mais animoso e expedito, que se arvora em comandante desages improvisados «bombeiros». E começa a faina: empunhando toda a casta de vasilhas, quem pode vai transportando água, extraída dos poços ou fontes próximas; lançam-se escadas às paredes; trepa-se às janelas e telhados; arrombam-se portas, salvam-se pessoas, animais e haveres... Se no fim se reconhece a quase inutilidade dos esforços e camizas despendidos, visto ter o prédio ficado reduzido a paredes nuas, todos sentem a consolação do dever cumprido e a satisfação que sempre nos dá a prática desinteressada do altruísmo.

Este altruísmo obscuro e anónimo regista-o por vezes a literatura, pondo-nos diante dos olhos a acção de desprotegidas populações perante a brutalidade dos terramotos, incêndios, inundações, derrocadas, ciclones, em suma, dos mil flagelos que põem em perigo ou totalmente destroem o bem-estar e a vida da pobre humanidade.

Reproduzirei aqui, para regalo dos leitores da «HUMANITÁRIA», um pequeno trecho de bela descrição de incêndio, ocorrido numa vila. Deve-se à pena de uma das mais notáveis escritoras do nosso tempo — D. Adelaide Félix (1).

Diante de cisa incendiada, chegam bombeiros, e povo, muito povo, para ajudar. A certa altura do ataque, em ponto oposto aqúele em que os bombeiros trabalham, apparece sobre a cimalha da casa, «com uma criança nos braços, uma repariga, de cabelos desprendidos, feições desfeitas num esgar».

O fogo cresce, e continua a ouvir-se o rebate dos sinos na matriz. Várias tentativas, frustradas, da parte de dois corajosos rapazes... E, «naquella emergência de morte, só ficaram duas realidades: a da chusma, que estendia os braços à desgraçada, pedindo que se axtasse, e a da lanciação materna, lá no estreito tabuleiro de argamassa, apertando o menino mais e mais ao peito».

E a autora continua:

«Foi então que, ajudado por um punhado de homens, José Maria surgiu, congestionado, olhos raiados de sangue, arrastando um mastro delgado e comprido. Trouxera-o do adro da ermida, frente à qual, na manhã seguinte, o especariam, entre uma farta dúzia, nos alindamentos do terreiro para as festas da Senhora da Saúde. João Maria sabia-os ali, que seu pai os emprestara para os luxos da romaria, e elle mesmo o transportara no carro, à junta a puxar que era um louvar a Deus.

Onde a mulher se mostrava, estacou, e ali ficou firme, a suster o pé do madeiro, enquanto os braços dos outros lhe iam empurrando o topo

## BIBLIOTECA A Minha Saudação

Uma agremiação que comemora o 75.º aniversário da sua fundação, impõe-se à consideração geral e mostra-se possuidora da vitalidade que gera os grandes cometimentos.

Saúdo portanto, nesta data, todos quantos à Associação dos Bombeiros Voluntários de Aveiro têm dado a sua valiosa cooperação, não podendo deixar de saudar muito especialmente aqueles que abnegadamente, no seu Corpo de Bombeiros, têm trabalhado como maior esforço, accorrendo em auxílio do seu semelhante com verdadeiro espirito de caridade cristã.

Para aqueles que a morte já levou, deixo a expressão da maior saudade. Que descansem em paz.

Coronel SERAFIM DE MORAIS JÚNIOR  
Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte

(1) — Do livro de contos — «Eu, pecador, me confesso...», conto — «Quando uma brasa se apaga...».



BIBLIOTECA  
municipal de aveiro

FUNDO  
LOCAL

para cima, empurrando sempre, no fito de endi-reitá-lo.

— Levantem mais! . . . Levantem! . . . Força! . . . Força, seus m . . . !

Em dado momento, por trás d's cornija onde a mulher se empoleirara, parte do telhado ruiu com fragor, espadanando no ar um inferno de lumes, mas ninguém se acobardou. Agora o pinheiro já principiava a erguer o cimo, jogados á bruta, em tal sentido, os joelhos, os ombros e as mãos calosas dos homens. Entre eles, João Maria centuplicava as próprias energias, acudindo como con-vinha. Por fim, num arranque hercúleo, conseguiram verticalizá-lo. Lesto, o moço atirou fora o colete, arreagaçou até às coxas o surrobeque das calças. Num galão, achou-se aos ombros dos outros e, abraçado ao poste, começou a trepar resolutamente, como quando, no domingo mais festivo daquelas redondezas, ia buscar, ao alto do mastro grande, a cobijada nota de cem.

A meia altura, sentindo que o tronco vacilava deveras, bolsou para os de baixo uma obscenidade. Depois, a seu tempo, mandou:

— Encostem à parede! Devagar . . . Devagar!

Lentamente o mastro perdeu a vertical. Pin-gando suor, o cacho humano que o sustinha conseguiu encostá-lo à cimalha. Ágil como um simio, João Maria fincou os pés na plataforma ardente. Tomou a si a mulher. Prendeu-a bem com o braço esquerdo, enquanto com o direito lhe arrancava do colo o menino. E, com ela bem colada á ilharga, berrou para a mala crispada numa agonia:

— Ai vai o miúdo . . . Ai vai o miúdo . . . Cui-dado!

Num balanço ligeiro, a modo que o fedelho não raspasse na cantaria, gingou um pouco o corpo e, surdo aos berros aloucados da mãe, cujos braços continuava a manter garratados contra o seu flanco, atirou a criança para a almoíada feita de braços estendidos.

Depois, junçou-se ao poste, carregando com a mulher, que acabava de desmaiar sobre o seu om-bro. Saltou se da cimalha, comprimindo entre as coxas, e jas como tenaz, o redondo madeiro. E assim foi descendo, devagar, ajudado o gancho das pernas pela pressão tenta: ular do único braço livre.

Já no chão, entregou a rapariga ao mulherio, que choramingava; perguntou pela criança. Estava fero, o inocente.

Só então deu por si, sentindo escorrer um li- quido quente pelos joelhos e pelo braço direito, cuja manga pendia em tiras. Olhou, espantado: era sangue. Mas não lhe doio; o que lhe doio, coisa esquisita, era o braço esquerdo . . . Reprou: acima do pulso, do lado exterior, vermelha e tufada, uma funda queima arpeanhava a carne. E nem se lem- brou de que, ao saltar sobre a cimalha, batera com o braço num dos enfeites de ferro que a guar- neciam, e eram outras tantas brassas naquele lumaréu.

Na manhã seguinte á noite em que João Maria roubou ao fogo aquelas duas vidas, a rapariga es- tava viúva, sem um chave de seu?.

Este João Maria salvara da morte a mulher que fora sua noiva, e o trocara por outro homem, — e, com ela, o inocente fruto da traição!

JOSÉ TAVARES

## Auto-Comercial de Aveiro, L.<sup>da</sup>

### Secções de:

AUTOMÓVEIS, CAMIONS — PNEUS, CAMARAS D'AR  
ÓLEOS LUBRIFICANTES — PRODUTOS REFINADOS  
ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS



Estação de Serviço — Recolhas  
Gasolina . Gasóleo — Lubrificantes

OFICINA DE REPARAÇÕES

Stand — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 62  
Garagem — Av. Dr. Lourenço Peixinhos, 44

Armazém — Cais das Falcoeiras, 21  
Oficina — Cais do Cojo

BOMBA DE ABASTECIMENTO Á NAVEGAÇÃO — Cais das Pirâmides

Telefones — 20 - 150 - 561

AVEIRO

# CRUZADA DO BEM OU A EXPLOÇÃO DO AMOR

Pelo Dr. QUERUBIM GUIMARÃES

**T**EMPOS que correm são de desvaio do homem, do homem que se desvia da Pátria da Luz, para se abismar no mundo da Treva — Quase se não vêm almas na trágica ostentação dos corpos. Olhos que se não erguem para o Alto para se fixarem apenas no lodo dos pântanos. Espírito que se submerge no turbilhão da matéria. Corações que se não comovem perante a miséria do seu semelhante. Egoísmos que se não detêm vendo em farrapos vidas que se decompõem (ainda no mundo, antes de baixar à terra fria) no lodaçal do vício, na lepra da luxúria, ou no horror da fome a desfazer em sangue pulmões que for-

ças não têm já para oxigenar, em haustos de vida, corpos exangües. Sibaritas ou gosadores dos «cabarets» ou das tertúlias mundanas que não têm um movimento de amor, de caridade, para estender o braço em socorro do aflito, do violentado pelas forças da natureza ou pela cegueira do ódio. Homens da selva, da barbárie, do primitivismo animal, desafiando uma civilização milenária que Cristo criou quando, no mundo, se sacrificou e pelos homens, ofereceu a vida em holocausto dos seus vícios, das suas misérias e, pedindo ao Pai, do alto da Cruz, perdoasse aos que o crucificaram porque não sabiam o que faziam, instituiu essa cruzada de amor, amor ao próximo, por amor

## João Nunes da Rocha

Sede: BONSUCESSO — AVEIRO

LISBOA:  
Av. do Aeroporto, L. 88, r/c-D.º  
Telef. 726218

TELEfone 250 P. B. X.  
gramas: MADEIRAS  
Apartado 21

# CARPINTARIAS



CASA FUNDADA EM 1934

de Deus — «amai-vos uns aos outros como eu vos ameie». — Foi outro o Mundo depois de Cristo. Virou-o do avesso, diz um consagrado escritor. Dois mil anos passados, porém, regressa-se à selva, à cruzeta dos tempos pagãos em que a lei era a da vontade do opressor, em que a pessoa humana se desconhecia, simples escravo, de cuja vida o senhor podia dispor a seu talante, esmagados todos os direitos pelo culto da Força, pela violência do ódio.

Como se tornam belas, nestes tempos de tão asfíxiante baixeza moral, os actos heróicos dos que se erguem da lama que os cerca para em, caridade cristã, socorrem o seu próximo, sem temor da morte, nessa ânsia sublime de salvar a vida do seu semelhante! Os que, com os olhos em Deus, a tudo o que é seu, a tudo o que do mundo é, renunciam para correr em socorro dos aflitos, dos que se sentem morrer sem que alguém lhes valha, dos que se contamam de

lepra, e morrem nas leprosas para socorrer os empestados, como o célebre Padre Damião, numa ilha afastada, do Pacífico, para onde o mundo afastara esses seus irmãos; como um São Vicente de Paulo, que substitue um galeriano para aliviar o condenado dessa horrível pena:

É um ideal cristão o que os inspira? Mas vós, Bombeiros, na vossa missão de sacrifício, a toda a hora, a todo o instante, de dia ou de noite, deixando o vosso officio, ou abandonando o vosso lar, a vossa família, o vosso leito, em noites de tempestade, para arrancar vidas das chamas crepitantes, tendes um ideal cristão também, porque o ideal de humanidade que vos anima, é o ideal de Cristo, é o amor da caridade cristã por muito que o desconheçais!

Perante o vosso heroísmo, de tão sublimes audácias, curvo-me em respeito e gratidão.

QUERUBIM GUIMARÃES



Fábricas Aleluia

AZULEJOS — LOUÇAS

AVEIRO

Telef. 22

LISBOA

R. Rodrigo da Fonseca, 70 R C-Esq.  
TELEF. 54872

PORTO

Galvria do Paris, 96-1.º  
TELEF. 27012

# A foga leva tudo!

Pelo Desembargador MELO FREITAS

**Q**UE dizer? Em boa verdade, falta-me «engenho e arte», mas, porque fui solicitado e não poderia de todo esquivar-me, a simples apontamentos me limito.

Passou-se o caso numa das últimas noites. Desabrido vento sacudia os caixilhos das janelas do meu quarto, voltado para a Praça Marquês de Pombal, e, a intervalos, fortes aguaceiros fustigavam as vidraças. Entretanto, no delicioso conforto da minha cama, protegido contra os elementos em fúria, ajeitava-me para de novo adormecer. Já tinham dado as 4 horas.

De súbito, porém, do próximo quartel dos *Bombeiros Velhos* soltou-se agudo grito da sereia de alarme. Um silvo contínuo (o apelo era para fora da cidade), não tardando muito que cessasse, e logo ouvi a saída de uma viatura. Voltara-se ao silêncio, só interrompido pelo vendaval.

Noite péssima, de rigorosa invernia, mas, quando eu e muitos outros repousávamos, lá iam eles, os *Voluntários*, lá iam eles, sentir de perto a intempérie, passar trabalhos, correr riscos...

**BODAS DE DIAMANTE** dos *Bombeiros Velhos* não representam apenas 75 anos de paradas, de desfiles, de vistosa presença em actos cívicos diversos. Mais do que isso, significam e avivam três quartos de século de abnegação inestimável e inúmeros sacrifícios!

Designá-los por *Bombeiros Velhos* equivale a reconhecer-se-lhes sólido e glorioso título de nobreza, galhardamente alcançado.

Quase todos eles de humilde condição social, sem outros bens que não sejam família mais ou menos numerosa a sustentar, sucede, todavia, que, tendo talvez posto os olhos no céu infinito e vendo o brilho das estrelas... com sublime devoção se comprometeram a árduas canseiras e graves perigos.

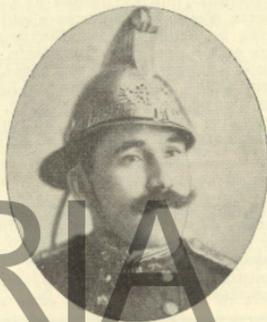
Crepitando e avançando violento incêndio, os simples espectadores, mesmo a distância se sentindo asfixiados e abrasados, prudentemente se afastam, mas os beneméritos e intrépidos *Voluntários* hão-de manter-se firmes nos seus postos, na ardência da fornalha ou molhados até aos ossos, enquanto os travejamentos desabem, as paredes se desmoronem e, acaso, deflagrem explosões. Em luta contra o fogo e contra a morte, chegam até à heroicidade.

Por quem o fazem?

Incêndios, inundações, naufrágios... E o quê mais, a que sejam chamados os *Bombeiros*?

Há anos, em Lisboa, assisti ao aparatoso *salvamento de um gato*, utilizando-se excelente e gigantesca escada Magirus, toda ela motorizada.

O bicho subira a tais alturas, de uma grande árvore, que perdeu o tino para descer.



DR. JOAQUIM DE MELO FREITAS

1888 - 1893

Muitas e baldadas foram as tentativas que vários *Bombeiros* empregaram, tendo querido aproximar-se do animalzinho e, por cautela, envolve-lo em panos. Por fim, assustado e resvalando de frágil em frágil ramo a que não poderia segurar-se, caiu docemente num dos lagos da Avenida da Liberdade, onde o espectáculo se desenrolou.

Encharcado, em tristíssima figura, feito numa sopa! — mas salvo. Fora salvo um *gato*!

Estou a lembrar-me de certa poesia do meu livro de leituras alemãs, dos tempos de Liceu: «Não te esqueças de mim».

Trata-se de conhecida e delicada flor, dum azul como o dos céus: *myosotis*. «Não sabe dizer muito, e tudo o que diz é sempre somente a mesma coisa, é somente: não te esqueças de mim.»

Também a sereia de alarme do quartel dos *Bombeiros Velhos* não sabe dizer muito, e é

sempre o mesmo, enigmático, aflitivo e enervante o grito com que nos inquietava. Mas, se tivesse palavras para contar-nos tragédias, o que nos diria ela?

Veu de Londres e aí serviu, no tempo dos bombardeamentos da Grande Guerra última. O que nos diria ela? — repito.

Tive enjeço de ver ferros torcidos, como se fossem vimes, restos de habitações, desventradas até ao pavimento das caves, e este pavimento transformado em baldio onde vegetavam, em abundância, fetos dos montes e moitas de «Epilóbium», de caules esbeltos e muito floridos, pondo manchas cor de rosa num quadro dramático.

Para recordação colhi no local algumas dessas florinhas, e as conservo, agora já enegrecidas mas que, se falassem, possivelmente diriam, ainda, que foram regadas com «sangue, suor e lágrimas», única promessa de Churchill à Inglaterra até que se alcançasse vitória.

Talvez aquela seria dos *Bombeiros Velhos*, ao soltar seu grito plangente, queira repetir-nos: «Sangue, suor e lágrimas».

Quem sabe? *Sangue, suor e lágrimas* daqueles que pedem socorro. *Sangue, suor e lágrimas* dos que, por amor do próximo e bem fazer, correndo em auxílio se arriscam a desastre!

Antes de organizadas convenientemente as corporações de serviço contra incêndios, não raro era que a multidão, no propósito de salvar, acabasse por destruir quase por completo o que existia, lançando tudo pelas janelas, dos mais elevados andares à rua. Não dizer de

«O Bombeiro» de 1 d'Agosto de 1889, o fogo representava um flagelo mas os salvadores constituíam uma praga!

Na época actual, Aveiro conta com duas prestantíssimas corporações de Bombeiros Voluntários, que, todavia, lutam com dificuldades.

No incêndio do Governo Civil, em 1941, a falta d'água foi problema conflagrador, e, mesmo com abundância d'água, a insuficiência de mangueiras ou o seu mau estado pode inutilizar os maiores esforços. Sabe-se que são caras e de pouca dura.

Confiemos nos nossos beneméritos Voluntários, poderemos contar com eles, mas, evidentemente, só na medida dos meios de que disponham. Não lhes bastam louvores e honorarias, estima e gratidão.

Estejamos sempre *em guarda!* Quando nos lembrarmos deles, feitas bem as contas é a nós próprios que serviremos. Não será assim?

Em minha vida sofri dois sobressaltos: princípio de incêndio em estabelecimentos do rés do chão de casas onde habitei, em Coimbra e em Aveiro.

Sem consequências, providencialmente, — mas, naqueles momentos de dolorosa ansiedade e pensando que de um bom serviço contra incêndios dependerá a nossa sorte, gravou-se no meu espírito a justeza de um conceito de velha sabedoria popular, com que tento:

«O ladrão leva o que pode, mas o fogo leva tudo!»

Ano Novo  
1957

JAYME DE MELLO FREITAS

Armazém de Chá Café e Papeleria  
**RAMIRO DOMINGUES TERRÍVEL**  
Rua Combatentes da Grande Guerra, 124 a 130 — Telef. 791  
**AVEIRO**

Torrefacção e Moagem de  
Cafés e Cevadas

Depositário dos Produtos  
alimentares «SALUTAR»

Extratos de tomate Conservas  
vegetais, Sumos, Polpas,  
Compotas e Doces de frutas

Conservas, Especiarias, Frutas  
Secas, Drops, Rebuçados,  
Caramelos

Bolachas, Chocolates, Chás,  
Artigos de Papeleria

Vinhos Finos, Abafados,  
Licores, Xaropes, Champanhas

# O BEM PELO BEM

Pelo Prof. BARBOSA DE MAGALHÃES

**C**ONTINUAMENTE se vêem nos jornais e em outros órgãos de publicidade apelos à caridade alheia, pedidos de esmolas, de socorros, subscrições a favor de homens, mulheres, crianças e colectividades, convites para espectáculo, concertos ou chás de caridade, com bridge, ou sem bridge, com canasta, ou sem canasta, com variedades, ou sem elas, e, felizmente, esses apelos e pedidos são frequentemente atendidos, essas subscrições recolhem bastantes donativos e esses convites são aceites, dando ensejo a serem cobradas receitas mais ou menos quantiosas.

E é tudo por bem.

Mas, infelizmente, esse bem poucas vezes é devido a puro altruismo.

Há quem o faça para parecer bem; para ver o seu nome nos jornais, ou o seu retrato numa parede de certa colectividade; para ganhar o céu — quem dá aos pobres empresta a Deus —; para ir divertir-se, comendo, bebendo, dançando, jogando e gozando os variados espectáculos que se lhe proporcionam.

Há ainda, com certeza, quem o faça por politica, para conseguir partidários e votos — um subsídio com dinheiro seu, ou do Estado, ou de um órgão administrativo, para um sino, duma igreja, ou capela, para um marco fontenário, para uma fonte, ou calçada.

E até há quem o faça para simples satisfação da sua consciência, por impulsos da sua alma e do seu coração.

Entre estes beneficentes estão os bombeiros voluntários; e estão em primeiro lugar.

Porquê? Porque, mesmo dentre os que fazem o bem pelo bem, poucos são o que dão, ou sacrificam, aquilo de que precisam; em regra, dão ou sacrificam o que lhes é supérfluo.

Os bombeiros arriscam o seu sossego, o seu bem estar, a sua saúde e a sua própria vida — para evitar prejuizos aos outros, para lhes evitar os males físicos, que derivam das calamidades públicas, para salvar a saúde, a vida e até a fazenda dos outros.

O que dão, o que arriscam não é nada do que lhes é supérfluo e são dos poucos beneficentes que seguem o preceito moral — faz o bem, não olhes a quem.

Bem poucos são os que pensam que, de um momento para o outro, podem precisar do precioso auxilio dos bombeiros, que, já de longe, se não limitam a evitar e a acudir aos incêndios, mas intervem, com a sua valiosa acção, com todos os seus dedicados e inteligentes esforços, em todas as outras calamidades públicas.

Em regra, o egoísmo tem tal força que, contando com o altruismo alheio, nem deixa pensar que de repente pode haver precisão de recorrer

a aqueles que estão sempre prontos para socorrer os outros.

No entanto, os bombeiros são daqueles altruístas que, aliás muito merecidamente, são olhados e respeitados com admiração e reconhecimento.

Surge agora, ao comemorar-se o 75.º aniversário — as bodas de diamante — da Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, um motivo para que essa admiração e reconhecimento lhes sejam manifestados por forma que comova todos os corações, e o sejam também a essa benemérita instituição, que a própria lei considerava de utilidade pública, que já mereceu a comenda da Ordem da Benemerência e que, pelo esforço dos seus componentes, e pela ajuda dos seus protectores, tem salvado tantas vidas, evitado e minorado tantas dores, tem evitado e diminuído tantas perdas materiais, tem evitado muitas lágrimas de dor e de saudade e tem feito derramar outras de alegria e de gratidão.

Estou certo de que a minha, a nosa, cidade de Aveiro vai comemorar condignamente essas bodas de diamante e a essa comemoração me associo com toda a alma, agradecendo a Comissão Organizadora o amável e honroso convite, que me dirigiu, para colaborar neste 2.º número da «Humanitária».

Appreciei-o e agradeço-o, tanto mais que sou devedor à Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro de muitas atenções, desinteressadamente como o mais velho decendente actual do Homem que teve a bala iniciativa de promover a fundação da Companhia.

Saudando-a nesta hora solene, saúdo também a sua congenera aveirense Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» e todos os componentes das duas colectividades e de todas as outras idênticas, constituídas por obreiros do bem, por aqueles que fazem o bem pelo bem.

Diz um proverbio popular — depressa e bem, há pouco quem.

Parafraseando o, eu digo — o bem pelo bem, há pouco quem.



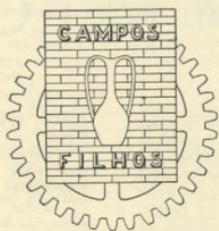
Fábrica de Confeitaria  
e Pastelaria

Casa especializada em serviços de Casamentos e Baptizados

R. da Arrochela, 29 — AVEIRO

TELEFONE 511

1896



1957

# Fábbricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos

AVEIRO

SUCURSAIS EM:

ALVARÃES

(Viana do Castelo)

TELEF. 9216 — Capareiros

MEADELA

(Viana do Castelo)

TELEF. 22023

Depósito no PORTO:  
Rua Sá de Bandeira, n.º 132  
TELEF. 24674

Depósito em LISBOA:  
Largo do Calvário, n.º 3  
TELEF. 637013

Depósito em BRAGA:  
Rua dos Chãos, n.º 75-79  
TELEF. 2446

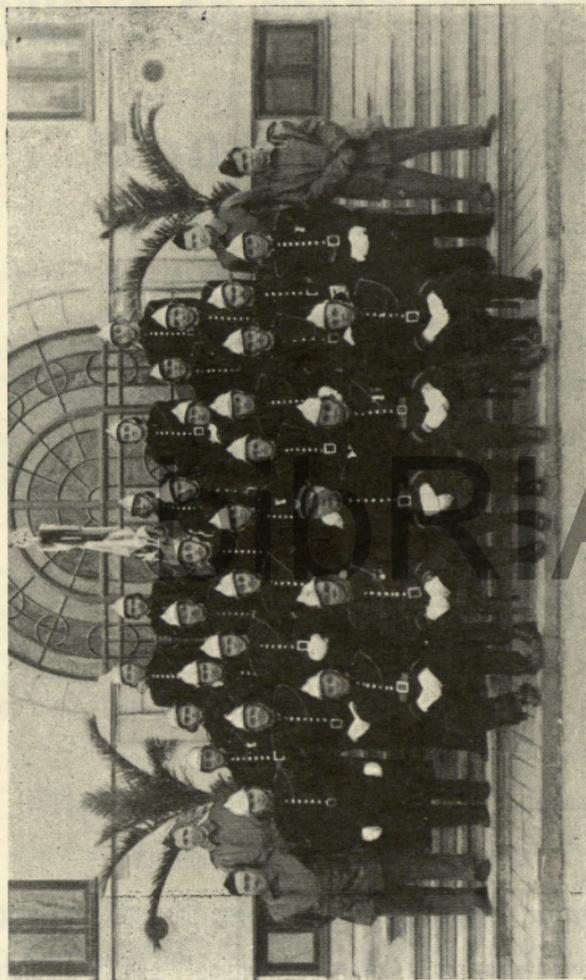
PREMIADA COM MEDALHAS DE PRATA  
E OURO E GRANDES PRÉMIOS DE HONRA  
NAS EXPOSIÇÕES A QUE TEM CONCORRIDO

Telhas e tijolos vermelhos e refractários — Tubagem, bacias,  
urinois e retretes em grés — Vasilhas para ácidos — Botijas  
— Louças sanitárias, doméstica e decorativa em pasta vitrifi-  
cada branca e de côr

Tele { gremas — CAMPOSFILHOS — AVEIRO  
fone: N.º 108

APARTADO N.º 4 — AVEIRO

## Corpo Activo da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro



Da esquerda para a direita — 1.º plano de pé: José Pereira de Carvalho, José Correia, cheife Manuel Martins Raposo, José Pereira de Carvalho Junior e Manuel de Jesus Martins.  
2.º plano — José Rodrigues Vieira, (Motorista) Vasco dos Santos Pinto, Firmão Diniz Marques da Costa, Antão Ferreira Martins, Amadeu Felixtra Caldeira, Cheife Manuel Martins, Adário Fernandes, Albano Batista, e motorista Augusto Oliveira Churneira.  
3.º plano — Leonildo Nunes da Meia, (Motorista) Alberto Dias da Loura Rafeiro, Abel de Carvalho Picado, António Martins Gonçalves Rei, Jodo Evangelista dos Santos Morais, Albertino Francisco Pereira, Henrique da Silva Pimentel, Anselmo Correia da Costa, Manuel Ferreira Marques, José Almeida Pinto.  
Sentados — Praça 1.ª classe Jodo de Pinho Soares, cheife António Monteiro, 1.º Comandante Albano Henriques Pereira, 2.º Comandante Gonçalo Pinto e adjunto do Comando Manuel da Costa Freitas.

# Empresa de Pesca de Aveiro

Praça Luís Cipriano, 10  
**AVEIRO — PORTUGAL**

Pesca de bacalhau por arrasto e à linha, e instalações de secagem e conservação de bacalhau, na Gafanha, Aveiro

---

Produtores de óleo de fígado de bacalhau, tipo medicinal

---

Pesca longínqua do atum, à linha

Pesca costeira do arrasto — Pesca da sardinha

## **FROTA:**

**Arrastões bacalhoeiros:** « Santa Joana », « Santa Princesa »,  
« São Gonçalinho », « Santa Mafalda »  
e « Santo André »

**Navios bacalhoeiros de linha:** « Rio Antuã » e « Rio Paiva » (em estudo)

**Atuneiros:** « Rio Vouga » e « Rio Agueda »

**Arrastões do Alto:** « Rio Gaima » « Rio Cértima » (em construção)

**Traineiras:** “ Jeremias ” “ Albino ” “ Lívio ” “ Augusto ”  
e “ Melinde ”

# ESTÁ NO EVANGELHO

**E**U não me enganarei se disser que a alma dos bombeiros está no Evangelho.

O Evangelho é o cântico de todos os heroísmos e de todas as audácias. Nele se guardam, para a memória e a devoção dos séculos, o santo arrojo da Verónica, com o seu linho branco de piedade, e as lágrimas doloridas de Maria Madalena, esse pobre farrapito humano que não pediu licença a ninguém para beijar os pés de Jesus e sobre eles estender a toalha dos seus cabelos.

É certo que o Evangelho não fala de corporações, nem de ambulâncias, nem de machados, nem de agulhetas, nem de cabelos ao vento. Também não alude ao toque de qualquer sereia quando o fogo, erguido da terra, devorou de pronto as cidades de Sodoma e Gomorra.

O nome das coisas, porém, pouco importa. O que importa é a sua alma. E ao ritmo dos nervos e do sangue que se escalam as montanhas. Só por acaso, não se tocam as estrelas. Tem que vir de dentro a força para que se não parta a asa dos nossos sonhos. O amor, se não é virtude, há-de acabar ali perto, ao primeiro amou ou à mais leve contrariedade.

Ora a vida dos homens que hoje aqui se louvam, nestas felizes bodas de diamante da gloriosa Associação Humanitária, é uma legenda heróica

de grandezas. Podem alguns nem sequer o suspeitar, mas neles existe uma alma a que eu chamo cristã.

Espanta-se a gente diante da força que os leva na corrida?! E admira-se do ímpeto que os não deixa parar de medo, que até os faz sorrir dele?! E comove-se quando o seu coração ainda palpita por cima de todas as ruínas?!  
Espante-se e admire-se e comova-se a gente com a virtude que lhes põe nos olhos esta luz, e nos lábios esta febre, e no peito esta alma... — esta alma que está no Evangelho.

É Jesus Cristo quem o diz: — Tem a sua recompensa um copo de água fresca que se dá de beber a quem é pequenino e pobre, mas vai sedento pelo caminho.  
Quando o fogo queima as casas ou as searas, o bombeiro-soldado desejaria que à roda de cada pedra nascesse uma fonte. Desejaria até realizar o milagre de trazer ali as ondas todas do oceano largo e profundo. Mas, porque não é de suas mãos esta força, como era da vara de Moisés, ele sofre — e chora.

Lágrimas benditas que apagam incêndios!  
Por elas, nesta festa de 75 anos, vos aplaudo e louvo e engrandeço, queridos amigos.

Aveiro, 1 de Janeiro de 1957

PADRE M. CAETANO FIDALGO

---

---

## IMPRENSA UNIVERSAL

CASA FUNDADA EM 1929

TIPOGRAFIA

ENCADERNAÇÃO

PAPELARIA

# PEREIRA & GUIMARÃES

RUAS:

COMBATENTES DA GRANDE GUERRA  
GUSTAVO FERREIRA PINTO BASTO

— TELEFONE 125

AVEIRO

*Contra todos os acidentes  
da caça, uma Apólice  
"caçadores" da IMPÉRIO*



COMPANHIA  
DE SEGUROS

R. GARRETT, 56 LISBOA

**IMPÉRIO**

AGENTE EM AVEIRO

JOÃO DA COSTA BELO, FILHO

Telef. 792

AVEIRO

À procura dum significado para a palavra

# HUMANIDADE

Pelo Dr. VASCO BRANCO

NASCEMOS pouco depois da guerra de catorze e a tempestade nazí apanhou-nos ainda na adolescência. Esses anos de incerteza e angústia deixaram-nos cicatrizes fundas e conduziram-nos a um hábito defensivo cujo escudo se chama cepticismo. Desconfiados, pois, não por natureza, mas pela impressão vivaz que a verificada falência de certas ensinanças, tidas como dogma, escreveram em nossa alma, desconfiados, não por natureza, mas pelo cansaço da praça de propagandas que pretendeu e pretende governar a opinião pública — se não o Mundo —, só muito cautelosamente nos atrevemos ainda à arbitragem duma questão ou a escolher guardia para certas atitudes.

Nesta nossa época em que são vulgares os termos *engenheiros de almas*, *mentalidades teleguidadas*, *epidemias psicológicas*, *opiniões dirigidas*, temos, mais do que nunca, larga justificação para essa desconfiança, para esse cepticismo. Ninguém descobre que actualmente a propaganda alinha em magestade e eficiência ao lado de qualquer outra arma, e nós, os leigos, nem sempre estamos preparados para a destrinça entre o nobre metal e a ganga que o envolve, pois só o tempo poderá fazer subir a Valescória ao plano do nosso desprezo. A propaganda, todavia, não desfigura sômente os propósitos das nações, as atitudes dos partidos políticos, a redacção dos comunicados da guerra: a propaganda pode desvirtuar ou valorizar o mais insignificante procedimento humano. É por isso que mais dificultosa se nos afigura a busca que empreendemos de um significado para a palavra *Humanidade*.

Quando determinámos procurar o significado desta palavra, o nosso primeiro impeto levou-nos a compulsar as definições dos dicionários e das enciclopédias. Foram lidas dezenas de vezes e finalmente abandonadas. Não conseguimos encontrar nessas definições calor suficiente. Abafadas em tecnicismo — aliás imprescindível à explanação das ideias — deixaram-nos um sabor a indiferentismo, provocaram-nos um prurido puramente epidérmico, que não se coadunavam bem com o nosso sentir. Tudo o que tentámos depois para fazer ganhar em veemência a definição, saiu verborreico e expletivo — e, por isso, nos agarrámos sofregamente à tábua de salvação do chamado exemplo.

Quando nos dizem que o massacre do povo magiar é desumano, somos o primeiro a

reconhecê-lo, como igualmente reconhecemos a desumanidade do bombardeamento atômico feito a Hiroshima e Nagasaki. Dirão certos argumentadores que, neste último caso, se tratava duma necessidade tendente a aproximar o fim da guerra. É muito possível que tenham razão; mas, se pretendermos encerrar as coisas exclusivamente sob o ponto de vista humano, mantemos o que afirmámos, visto que a *humanidade* não pode usar para medida pontos de vista particulares deste ou daquele indivíduo, deste ou daquele grupo, desta ou daquela facção política, deste ou daquele país, deste ou daquele continente, desta ou daquela raça, desta ou daquela civilização. A *humanidade* é uma palavra sem limites — é uma palavra tão grande que alberga, no mesmo carinho o trabalhador e o indigente, o rico e o pobre, o branco e o negro, o ministro e o operário, o sábio e o ignorante, o nórdico e o dravidiano.

A maior parte das vezes, a *humanidade* entra em conflito com os interesses individuais ou de grupo, e a eles se tem que sacrificar quase sempre: quando os povos europeus chegaram ao Novo Mundo o povo ameríndio viu a sua sentença de morte assinada e sem possível apelação; quando os japoneses chegaram às ilhas que constituem hoje a sua pátria, encontraram ali a raça ainú, que está em vias de extinção. Não vamos chorar sobre as campas frias destas fatalidades históricas; mas também não podemos, sem hipocrisia, chamar de *humanitários* aos invasores. A própria Natureza, tão cantada pelos poetas, teria que prestar largas contas se a chamássemos à liça pelo seu comportamento para com o bipéde que — talvez... num momento de imprudência — dotou de cérebro...

A classificação de um acto sob o ponto de vista humano é muito subjectiva; o que para uns é louvável, outros condenam. Atitudes há, todavia, com tal cunho de *humanidade* que são imediata e unânime reconhecidas como tal.

Quando, no silêncio da noite, o lúgubre chorar da sereia avisa o bombeiro de que há gente em perigo, ele não trata de indagar se a casa a arder é de rico ou de pobre, de socialista ou monárquico, de branco ou de negro, de sábio ou de analfabeto, de cristão ou de ateu. É e precisamente nesta espontaneidade e neste desinteresse que vamos encontrar a definição mais adequada — e talvez mais capaz — para a palavra *Humanidade*.

# COMANDANTES



FRANCISCO AUGUSTO DA F. REGALA  
1882 - 1884



JOSÉ MARIA CARVALHO BRANCO  
1893 - 1897



FRANCISCO F. DA ENCARNAÇÃO  
1911 - 1916



FIRMINO FERNANDES  
1917 - 1921 — 1936 - 1945



MANUEL GONÇALVES MORFIRA  
1897 - 1906



ISAÍAS ALBUQUERQUE  
1921 - 1934



JOÃO BERNARDO RIBEIRO JÚNIOR  
1906 - 1907



JOÃO MORAIS MACHADO  
1907 - 1911



TEN. DANIEL ALBERTO MACHADO  
1934 - 1935



MARINO SOUSA MOREIRA  
1945 - 1948

# COMANDANTES



FRANCISCO AUGUSTO DA F. REGALA  
1882 - 1884



JOSÉ MARIA CARVALHO BRANCO  
1893 - 1897



FRANCISCO F. DA ENCARNÇÃO  
1911 - 1915



FIRMINO FERNANDES  
1917 - 1921 - 1936 - 1945



MANUEL GONÇALVES MORFIRA  
1897 - 1906

# ibRIA



ISAÍAS ALBUQUERQUE  
1921 - 1924



JOÃO BERNARDO RIBEIRO JÚNIOR  
1906 - 1907



JOÃO MORAIS MACHADO  
1907 - 1911



TEN. DANIEL ALBERTO MACHADO  
1934 - 1935



MARINO SOUSA MOREIRA  
1948 - 1948

# Oficinas Gamelas

(Estabelecimento recomendado pelo Automóvel Clube de Portugal)

## Reparações de Automóveis

Secções de:

REPARAÇÕES DE MECANICA GERAL — ELECTRICIDADE E DIESEL  
CARROSSERIAS E PINTURAS — ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Peças e Acessórios para todas as Marcas

Pneus — Lubrificantes — Combustíveis

Agente das Marcas:

**LUCAS**

Material eléctrico para automóveis e camions

**C. A. V.**

Material de inspecção diesel e material eléctrico

**GIRLING**

Material para amortecedores e travões

**LODGE**

Velas de ignição para automóveis e motores

**AUTOSIL**

Baterias para automóveis, camions e motos

*A u s t i n*

**AUTOMÓVEIS DE TURISMO  
FURGONETES — CAMIONS**

Possuindo uma completa linha de fabrico de modelos com motor diesel e gasolina, no qual V. Ex.<sup>a</sup> encontrará o modelo que poderá resolver fácil e economicamente o seu problema de transportes

**Manuel dos Santos Gamelas**

Rua da Fonte Nova, n.º 18 — Telef. 99 P. P. C. — AVEIRO

# Herança Sagrada!

Pelo Dr. ALBERTO SOUTO

**P**ASSA velozmente o Tempo e tão veloz que parece ser hoje, ainda, o dia festivo em que, há vinte e cinco anos, celebrámos o cinquentenário da Associação Humanitária



DR. ALBERTO SOUTO  
Presidente da Assembleia Geral

dos Bombeiros Voluntários de Aveiro...

Neste quarto de século doba-do entre a comemoração de 1932 e a de 1957, a Morte não se deteve na sua eterna faina e, de mãos dadas com o Tempo, levou-nos muitos dos que comungaram connosco no júbilo e na alegria em que decorreram as Bodas de Ouro dos nossos Bombeiros Velhos.

Vai para todos os nossos Mortos queridos destes vinte e cinco anos, o nosso pensamento, com a lembrança das suas figuras físicas e morais, e a melhor homenagem

ao seu civismo, à sua conterraneidade, à sua dedicação a tudo quanto era útil e belo na cidade de Aveiro, e, particularmente, à sua amizade por esta benemérita corporação de salvação pública que é um título de ufania a esmaltar a nossa heráldica de um braço colectivo de Bem-Fazer.

Entre tantos nomes saudosos que nesta hora desejaria lembrar, não posso esquecer o conselheiro Luís de Magalhães, filho de José Estêvão, e o nosso hóspede e amigo, de Viseu, Dr. Mário Barroso, que tanto ilustraram com a sua presença e a sua eloquente palavra a sessão solene do Teatro Aveirense que, embora breve, foi das mais solenes a que tenho assistido e em



CARLOS ALELUIA  
Vice-Presidente da Assembleia Geral

que, modestamente, tenho tomado parte.

Dos sócios fundadores da Associação e sua Companhia, viviam ainda, em 1932, João Bernardo Ribeiro Júnior, Manuel e Fernando Homem Cristo, António Marques de Almeida, Anselmo Ferreira, Luis Benjamim e João Nunes da Maia.

Outros prestimosos amigos e consócios, como Firmino Fernandes, Isaias de Albuquerque, Firmino Costa, Ricardo Mendes da Costa e muitos mais não mencionados neste breve artigo, desapareceram também depois disso na trágica voragem.

A Morte e o Tempo ceifaram-nos comandantes, directores, soldados activos, protectores, colaboradores e devotos desta obra admirável que é a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro. A nossa amizade, a nossa gratidão e o nosso reconhecimento, porém, mantem-os vivos no nosso coração.

Para todos os nossos Mortos, do mais ilustre ao mais humilde, vão, pois, as homenagens da nossa saudade, neste dia de Bodas de Diamante, e não só para os nossos Mortos dos últimos vinte e cinco

anos, mas, também, para os do meio século anteriormente decorrido, não menos dignos de serem relembrados.

Sem esse *humus* de saudosas e prestáveis memórias, esta Associação não existiria.

Ela vive sobre extratos de insanos trabalhos, de belas virtudes cívicas, de grandes sentimentos generosos, de altruísmo, de sacrifícios e dedicações de centenas de homens bons que fizeram parte da comunidade aveirense.

É das seivas de uma tradição de bondade e de amor do próximo, arraigada na alma deste Povo que ela se alimenta.

Podemo-nos orgulhar todos do tesouro de boas obras e bons sentimentos que nos legaram.

Honra seja ao exemplo desse venerando Passado!

E que a herança sagrada se não perca, mas viceje e frutifique sempre em novas e lídimas mãos!

—Recolhei-a no melhor da vossa alma e honrai-a sempre, oh! geração de Hoje e de Amanhã!

ALBERTO SOUTO

## Stand Justino

Gerência de:  
Francisco Soares Pinheiro  
(Engenheiro)

CONCESSIONÁRIOS DA  
GENERAL MOTORS

**VAUXHALL — CHEVROLET — BEDFORD — OPEL**

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 150-A — AVEIRO — Telefone 593

# PRESENTE!

por CAROLINA HOMEM CHRISTO

**C**HAMAM-ME de Aveiro, minha terra espiritual, para que colabore com meia dúzia de linhas neste festivo número de aniversário.

No meio do rumorejar constante e intenso duma grande metrópole como hoje é Lisboa, na labuta diária



RAÚL DE SÁ SEIXAS  
1.º Secretário da Assembleia Geral

da maratona absorvente do jornalismo tão diferente da calma vida provinciana, que saberei eu dizer que possa interessar ao público Aveirense, ou à simpática Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários que comemora os seus 75 anos de altruista actividade? Contar-lhes como se envelhece drepresa neste rodopiar alucinante das cidades modernas, apesar dos cosméticos de beleza e dos artifícios com que a moda nos ajuda a encobrir os estragos do tempo, e de todos os males da malfadada era atómica que nos ultrapassa? Falar-lhes da minha saudade profunda da recuada época em que Aveiro não tinha réclames a «néon» nem cafés, e só

íamos ao cinema uma vez por semana vêr fitas em 2, 3, e 4 episódios, que levavam um mês a correr e reuniam no Salão Nobre do antigo Teatro a guia flor da sociedade da terra em simpática e alegre cavaqueira?

A minha saudade, bem entendido, não é das ruas escalavradas de então, do silêncio sepulcral que se observava às 11 da noite quase de uma ponta à outra da cidade, da escuridão em que os nossos olhos mergulhavam e os nossos passos faziam eco ao sair de restrito serão familiar, ou das «bichas» de caneco à cabeça em redor das fontes que haveriam de enchê-los num evervante «pingue pingue», que consumiu horas de vida a muita mãe de família! Não, gosto da luz, do movimento, do progresso, e respiro fundo, em verdadeira satisfação, sem-



POMPEU DE MELO FIGUEIREPO  
2.º Secretário da Assembleia Geral

pre que chego a Aveiro e descubro uma nova rua, o esboço de um futuro bairro ou um bairro novo já a caminho, de bonito traçado, no qual predominam as casas elegantes, de boa

arquitectura, sobretudo de bom gosto, como sucede, por exemplo, na nova zona do Liceu. Sigo a evolução de Aveiro de olhos enternecidos como se seguem os passos de um filho que começa a andar, primeiro cambaleante, depois firmando bem os pés no chão, já consciente e senhor de si. E a cidade faz tal diferença nos últimos 15 anos, que por vezes dou comigo a querer reconstituir na minha memória, um ângulo duma rua, ou tal e tal sítio, sem conseguir, já, fazê-lo com nitidez. Depois de uma paralisação quase total de mais de 30 anos, e-la ressurgida, caminhando na vanguarda da maioria das terras de província, em profundo movimento de renovação que enhe de alegria e orgulho quantos, pelo nascimento ou sentimento, podem considerar-se aveirenses, como eu. Não é, pois, desse transposto período de decadência que tenho saudades, não. É desses grupos que já se não reúnem no salão do teatro, das pessoas que conheci, dos rostos que me eram familiares e desapareceram para sempre, da saborosa intimidade que encontrava por todos os lados, das praias da Costa que conhecia os meus passos, das áreas do Jardim Público onde passeei, vai-

dosa, os meus primeiros vestidos compridos, dos rapazes e raparigas desse tempo, da mocidade que se foi e não volta mais.

A minha juventude e primeira mocidade passaram-se em Aveiro. Aí desabrochei da adolescência, aí me fiz mulher, aí aprendi a trabalhar, lutar, e sofrer. Na rude escola da vida que era a convivência com meu Pai, formei o espírito, e moldei o carácter. A Ele devo tudo o que sou, e no seu exemplo de entranhado amor à terra em que nasceu, embora nem sempre compreendido, frutificaram as raízes que me prendem a Aveiro e me levam a responder — Presente! — neste momento, como sempre, ao apelo que me fazem, mesmo sem saber se correspondo ao que de mim se espera. «Presente» agora, na festa da benemérita Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro a que desejaria ainda prestar homenagem daqui a 25 anos, e «Presente» sempre que Aveiro de mim necessite.

Presente!

Lisboa, Janeiro de 1957

Carolina Homem Christo



**CASA  
GONZÁLEZ**

—◆—

**IMPÕE-SE PELAS  
NOVIDADES QUE  
—APRESENTA—**

Ferro e Aço, Ferragens, Cutelarias,  
Drogas, Cel Fino, Hidráulico,  
Vidros e Mercarias



Rua Eça de Queiroz, 24-26 — Telef. 404 AVEIRO

**Restaurante Pinho** — DA

**Viúva de António de Pinho Nascimento**

**ALMOÇOS — JANTARES — CALDEIRADAS REGIONAIS**

Praça do Peixe — AVEIRO — Telef. 132

# SAUDAÇÃO

Por EDUARDO CERQUEIRA

**N**O meu tempo de miúdo — que me vai ficando já na recordação delido e indistinto como um sonho — o bombeiro disfrutava de um aliciente prestígio, que lhe conferia as auras e a dignidade de modelo para as nossas infantis tendências de macaqueação.

Estou em crer que a pequenada de agora, com as atenções absorventemente suscitadas pelos ases, se proeiras e os pleitos desportivos, se suporia amesquinhada com a mera hipótese de lhe apontarem como praticável o nosso entretém anacrónico de «brincar aos bombeiros». Mas aqui há umas quatro décadas de anos, na época pre-civilizada em que os relatos radiofónicos não ocorreriam a uma imaginação divinatória tão fértil como a de um Júlio Verne, a bola de câmara de ar era quase tão inaccessível como hoje o planeta Marte, e os brios nacionais ainda se arrastavam na triste indigência de não poderem enfeitar-se com os louros dos triunfos futebolísticos e quejandos.

Então, a petizada, a par de uns jogositos inglórios e sensaborões, de alguma tropelia ingénua, de qualquer aventureira incursão em despique com a do bairro vizinho, aplicava a sua tina de imitar os adultos e a irremprimível necessidade de agitar-se no arremedo desses homens generosos que, sem outro prémio além de servir o semelhante, arriscavam o sossego e a vida, e tinham o ânimo forte, a destreza atlética, o garbo inalterável e a olímpica indiferença pelos riscos mais inquietantes.

Com capacetes de papelão e machadas toscas de madeira, insígnias recortadas em papel de cor que a

cola de sapateiro mal fazia aderir às blusas das horas de folgado, ser «bombeiro» constituía um prazer e um orgulho.

Sem dúvida a impoluta farda de gala; o reluzente capacete metálico; as paradas e cortejos cívicos onde ao bombeiro se conferiam primazias de evidência; as inverosímeis agulhetas que esguichavam água até aos telhados das casas mais altas; as escadas articuladas com uma presteza insuperável; a capacidade acrobática dos participantes nos simulacros; os apitos dos comandantes, imperativos e milagreiros como uma varinha mágica que tudo movesse com disciplinada exactidão, exerciam uma forte influência na miudagem.

Mas, mais fundo e mais alto que as exterioridades impressionava o fervor que animava os homens à acção filantrópica; a abnegação individual diluída no trabalho de equipa e quase sempre relegada ao anonimato; o impulso de fraternidade humana, despida de quaisquer laivos de egoísmo, isenta de toda a sorte de predilecção e lateralidade; o ser o amigo do próprio inimigo, se adregasse de pender sobre ele a ameaça ou do dano.

Cingíamo-nos, decerto, ao que estava ao nosso alcance: à canhestra imitação, reduzida à escala do nosso material de fancaria e da compleição de petímetros com prosápias de meter lanças em África. Mas, para o resto, laborava em voos de água, a fantasia desfrenada e a inesgotável capacidade de sonhar e de crer nos sonhos como nas realidades mais autênticas.

Apagar o fogo convencional, dominar labaredas imaginárias, arrancar ao suposto brazeiro algum camarada, subalterno e submisso, a

quem fosse cometido o papel de entrevado, eram, ao fim, os nossos altos propósitos de humanitarismo platonico.

O que nos incentivava, o que incendia os nossos entusiasmos juvenis era a cintilação daquela «chama» que conduz a apagar as chamas, aquele arder no amor do próximo que traz a satisfação no esforço oferecido e torna a dor alheia mais merecedora que a própria.

E, se tudo restava no âmbito da brincadeira improficua, havia, por detrás da aparência insignificante, uma expansão do sentimento, um propósito puro de revestir a traquinice de um sentido que a sobrelevasse.

Assim fui «bombeiro», e dessa missão me reformei, ainda de calções. Bons tempos, os dos calções! Despi com eles inúmeras quimeras — que o fato de homem tolhe a gente para toda a vida...

Demiti-me de «bombeiro», e quantas coisas mais que desejaria ser! Ficou-me, todavia, mais consciente, embora inoperante, a tenaz admiração por esse voluntariado de bem

fazer; a viva gratidão pela vigília em que permanentemente se coloca para acudir às aflições alheias; o apreço por essa forma nobilíssima de desinteressado sacrificio, a que não sei afoitar-me.

Fiquei na convicção de que exaltar os bombeiros corresponde a pretear uma virtude que é apanágio de poucos; e, mais do que dos serviços fruidos, é reconhecer o mérito de quem dá sem recompensa, e não a pede nem a ambiciona.

Fiquei no dever de lhes afirmar, em todos os ensejos que se me proporcionem, uma palavra de louvor e homenagem, se me não é lícito dizer de solidariedade.

Essa palavra dissaborida lhes trago, de saudade para os mortos, de aplauso e simpatia para os actuais, de bons desejos para a corporação que devotadamente serviram ou servem, nesta festiva comemoração do 75.º aniversário da tão querida e benemérita Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro.

EDUARDO CERQUEIRA

## Carlos Alberto Cunha

Distribuidor dos Produtos **MABOR**  
no distrito de Aveiro



« Posto de Assistência Técnica  
Gratuita aos  
PNEUS MABOR »

Av. Dr. Loutenço Peixinho, 242-D

AVEIRO  
TELEF. 414



TECIDOS DE ALTA QUALIDADE  
À VENDA NA

**LOJA DO GUIMARÃES**  
*Têxtil Guimarães*  
AVEIRO

# GRIMPA GLORIOSA

**P**EDE-ME a Comissão Organizadora da Homenagem à A. H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro algumas palavras para inserir no n.º 2 da «HUMANITÁRIA», em comemoração das Bodas de Diamante da prestimosa colectividade aveirense, e eu tenho como dever não me escusar ao honroso pedido, na modesta proporção do que possa e saiba dizer.

Embora alheio, em pormenor, à vida intensa da benemérita Associação, não posso ser alheio ao seu valor como elemento de abnegação e de sacrifício em favor da linda capital do nosso distrito. Os Bombeiros, soldados da Paz por excelência, formam uma classe áparte na vida das terras em que exercem a sua nobilíssima missão, e durante 75 anos de heroísmos sem conta — grímpa gloriosa atingida em nobre apostulado de ternura humana — certamente que a A. H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro tem cumprido a sua tarefa de maneira a dar a Aveiro a garantia solene de que nela podem confiar os seus habitantes.

Eu sei, todos nós sabemos, que nas horas de perigo iminente os Bombeiros são os primeiros Amigos com que podemos contar. Eles dão sempre o seu sangue e a sua vida pelo seu semelhante, sem exigirem qualquer

prémio. Caminhando para a luta com o coração a trasbordar de ternura por todos aqueles que se encontram em perigo, quantas vezes, nas grandes catástrofes, sucumbem, de sorriso nos lábios, enquanto nos seus lares fica a viuvez e a orfandade a testemunhar raios de heroísmo que não visam a recompensas que não sejam as do dever cristão humanamente cumprido.

Laboriosa, nobre e lavada ascensão é, portanto, a levada a efeito pelos fieis servidores da A. H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro durante estes 75 anos de amor pela sua terra, e pela vida e bens dos seus habitantes, e tudo quanto possa dizer-se — por maiores montanhas de louvores que se teçam em volta de tamanha obra — não passa dum pálido reflexo daquilo que Aveiro e o seu povo lhe deve.

E que isto é uma verdade suprema, atesta-o a homenagem que um grupo de aveirenses ilustres promove nesta gloriosa data, rodeando de afectivos carinhos e de festivas galas a benemérita Associação, homenagem a que eu me associo, de alma ajoelhada, com estas modestíssimas palavras.

Espinho, Janeiro de 1957

CARLOS DE MORAIS



Saló D'ouro

ESPLENDIDO SERVIÇO DE RESTAURANTE

ESPECIALIDADE EM CALDEIRADAS REGIONAIS

PREÇOS ESPECIAIS PARA EXCURSÕES

*Pensão Imperial*

RUA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA Nº 65  
Telefone 448 AVEIRO

QUARTOS COM ÁGUA  
CORRENTE QUENTE E FRIA  
— E COM BANHO —

**Agência Comercial e Industrial  
de Aveiro, L.da** Telef. 246

Agentes depositários de Corporação Mercantil  
Portuguesa, L.da, Material «Lusalite»  
Material «Madeirite»  
H. Vaultier & C.<sup>a</sup> — Óleos «Ergloil»  
Representantes de Soc. Tecn. de Fomento, L.da,  
Comp. de Seguros «Tagus», Comp. de Seguros  
«Vitória» — «Tintalusa» «Atlântico»  
Moleros Villiers, Coborn, etc. a petróleo Guldner a gasolina  
**Rua de José Estêvão, n.º 34**

**António Luís da Cruz Bento**

**PEIXE E SAL**

Escritório: Cais dos Mercateiros, 6

Armazéns: Canal de S. Roque

TELEFONE 90  
**AVEIRO**

**PAVIMENTOS  
LAMBRIS — ESCADAS  
REBOCOS EXTERIORES**

**CONSTRUTORES DE MARMORITE**  
**Ventura, Pinto, Lima & C.a, L.da**  
Rua Batalhão Caçadores 10, n.º 46 AVEIRO — Tel. 169  
Canal S. Roque Tel. 363

Mosaicos HIDRÁULICOS  
GRANULADOS  
E PÓ DE MÁRMORE

**António Pereira Ramos**

**PRODUTOS  
RESINOSOS**

Fábrica: Telef. .... Escritório: Telef. 151  
EIROL — EIXO R. Com. Rocha e Cunha, 116-118  
(V. Vouga) AVEIRO

**A LUSITÂNIA**

Tipografia Encadernação  
Cartonagem

Rua Homem Cristo, 20  
Tel. 126 PBX — AVEIRO

**Auto Viação Aveirense, L.da**

CARREIRAS DIÁRIAS ENTRE  
Aveiro, Costa Nova  
e Gafanha do Carmo  
Serviço de excursões em  
luxuosíssimos auto-carros  
Gafanha da Nazaré — AVEIRO  
Telefone 513

SAPATARIA e TAMANCARIA  
**O S Ó R I O**

DE **António Osório de Almeida**

O melhor calçado em lindos modelos e re-  
sistência, feito pelos melhores artistas por-  
tugueses. Sertido completo de calçado do  
mais fino gosto ao mais modesto.

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, n.º 114, 116 e 116-A  
**AVEIRO**  
Telefone 489

## UM ESCÂNDALO!

Pelo Dr. DAVID CRISTO

**A**O primeiro silvo da sereia, lúgubre na quietude sonolenta daquela manhã de Verão, o bombeiro saltou da cama, como se percutido por gigantesca mola, e correu — nu!!! — para o seu quartel.

Atravessou as ruas do bairro, ali da Beira-mar, — nu!!! — sob as vistas escandalizadas do mulhierio, que sempre, em emergências sinistras, assoma às portas p'ra saber onde é o fogo.

Um escândalo!

Quando me relataram a insólita ocorrência, visionei o piloso varão direito às bombas, lesto como Mercúrio, e tão absorto em seu humanitário desvario que de tolo se esquivava de que os seus pés poisavam nesta miseranda terra, exigente, mesmo para os deuses, quando menos, do resguardo da parra edénica.

E não contive uma gargalhada — essa gargalhada vil que se gera na epiderme das convenções, como borbulhaço de recôndito ácaro.

Pensei depois que talvez Freud não risse. E pensei ainda que Freud leva, ao comum dos mortais, a van-

tagem de não ter bom-senso: perfura desapidadamente a estratificada crosta de milenárias hipocrisias e de sórdidos interesses, rasga as pesadas roupagens tecidas com o fio de ancestralidades a reflectir conveniências no falso dourado de europeus — e procura, nas fundas radiculas do homem, o homem verdadeiro, santo ou demónio, águia ou gusano, seixo ou universo. E, para tanto, cruel mas sincero, Freud desnuda o homem.

Nauseamo-nos ao ver, por feitiços do sábio, surgir de rescedentes púrpuras hediondas deformações? Deslumbramo-nos quando nos surge Apolo dum gibão estarrapado? — E' que os nossos olhos não têm agudeza nem coragem para contemplar a Verdade sem véus; nem são os olhos ingenuos daquela criança da lenda que denunciou a multidão circunspecta e formal a nudez bojudá do seu rei.

Freud e o menino não ririam, como eu ri estupidamente, do bombeiro que ia nu, nem se escandalizariam como as mulheres pudibundas; antes pensavam que a abnegação do nosso homem — tão espontânea que, ao primeiro grito de angústia, logo voou, num gigantesco salto, por sobre

## Testa & Cunhas, Limitada

TELEFONE 194

APARTADO 40

Indústria de Pesca de Bacalhau

AVEIRO

Endereço Telegráfico

registrado: CUNHAS

a sólida montanha de venerados pejos — só tem olhos para as tragédias alheias, e tão exclusivamente postos nas ansiedades do seu irmão em perigo que não dão conta de que a folha de parra ficou esquecida no arcaz das decências.

A Mitologia fez os deuses como deuses; mas os homens vestiram o coração dos deuses da farrapada humana. Daí não sabermos lobrigar o altruísmo, quando desadornado dos trapos pomposos deste mundo feito aderecista de comediantes.

Nos setenta e cinco anos de existência da benemerente Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, somam-se, feitas as contas, mais de vinte e sete mil dias

e muito para cima de meio milhão de horas de permanente vigília — inacreditável contributo de várias gerações de homens tão despidos de interesses que, em sua desnuda devoção humana, correm para os perigos onde periga uma vida, esquecidos da sua própria vida; e correm tão velozmente que, às vezes, lhes sucede deixarem em casa, devolta com as suas esquecidas roupas de pobres, a viuvez e a orfandade, lutos de humildes, sem glória — porque o Mundo, que ri do bombeiro que vai nu, não descobriu ainda para tão louco heroísmo aquelas faustosas roupagens com que veste, de comum, as fátuas vaidades dos grandes...

DAVID CRISTO

---

---

# FIAT bibRIA

AUTOMÓVEIS  
FOURGONETES  
CAMIONS

AGÊNCIA OFICIAL NO DISTRITO DE AVEIRO

*João dos Santos*

AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO, 44-62

Tel. 20-150-561

AVEIRO

Vendas — Serviço Oficial — Acessórios

FIAT PORTUGUESA SA. — LISBOA — PORTO

# EVOCAÇÃO

Por ALBANO PEDRO DA CONCEIÇÃO

Já lá vão perto de quarenta anos! Era eu, então, um rapazito da escola. O meu pai era o presidente dos Bombeiros Velhos. E eu tinha muita vaidade nisso, e orgulho também: o suficiente para



TENENTE JAIME DA SILVA SABINO  
Membro do Conselho Fiscal

me julgar superior aos meus companheiros. Pois se o meu pai era o dono dos «bombeiros», e dos incêndios e daqueles brinquedos muito grandes, pintados de vermelho, com que não apetecia nada brincar, valha a verdade. Quando lá ia, passava por eles com respeito e temor, apesar de estarem muito quietos e calados. E' que eles, qual matéria viva dotada de sensibilidade, comunicavam-me a impressão estranha de que estavam sempre atentos e prontos para correrem à desfilada, logo que soasse o primeiro alarme do sino grande de S. Domingos — para mim, certamente o maior sino do mundo!

E como aquela voz estentória era determinante, não admitindo demoras nem hesitações, lá iam, carros e bombeiros, facies duro para a luta contra as chamas, corações abnegados para salvar vidas alheias.

Que diferença nas paradas! Nem pareciam os mesmos homens. Muito calmos, muito direitos, muito «generais»! Estou a vê-los: Firmino Fernandes, idoso e doente, a vender saúde nas paradas e a remoçar nos incêndios; Manuel da Rosa, velhinho, uma espécie de símbolo da corporação; Isaias Albuquerque, bastante gordo, e tão elegante e ligeiro dentro da farda; um outro, cujo nome não tenho presente, e de quem recordo os enormes bigodes que deviam ter atemorizado muitos incêndios; Francisco da Encarnação, a quem se chamaria, agora, o galã bombeiro; o velho Bandarra, e tantos, tantos outros, todos muito apurados dentro daquelas fardas as-



MANUEL JOSÉ DA COSTA GUIMARÃES  
Membro do Conselho Fiscal

seadas, luvas dum branco sem mácula; botões luzidios, capacetes resplandecentes, postos na cabeça com aquele gestinho peculiar de cada um, que os tornava mais garbosos. Mas o que eu tinha de reconhecer, com certa máguá, era que os Bombeiros Novos não faziam pior figura. E a verdade, para mim tão arrelhiadora, era que, muitas vezes, eram estes que chegavam primeiro aos incêndios.

Um dia fui convidado... Não, ponhamos as coisas no seu lugar: um dia, o meu pai mandou-me à sede dos bombeiros falar com o Firmino Costa, outro bombeiro dedicado (haverá bombeiros que não sejam dedicados?). Quando entrei no salão já lá estavam umas duas dúzias de garotos e meninas da minha idade. O Firmino Costa colocou-me ao lado duma menina e disse-me: — «Esta é o teu par». E foi assim que passei a fazer parte do rancho infantil dos Bombeiros Velhos. Eu era um rapazito com alguma iniciativa e com expediente de sobra para a brincadeira. Mas, perante situações mais sérias era um tímido. Assim, quando tinha de comprar uns sapatos novos, nunca maçava ninguém. Os primeiros que me calçavam, quer estivessem apertados ou largos, já os não abandonava; dizia que me assentavam muito bem; tinha medo de não conseguir melhor, e aqueles já eu tinha seguros nos pés.

Não me lembro das danças do rancho. Da exibição, no coreto do jardim, tenho uma vaga reminiscência, mas o que tenho vivo na memória é um acontecimento de que fui vítima, precisamente por causa daquela faceta de tímido.

Na véspera da exibição pública houve ensaio geral e distribuição de barretes e faixas, para comple-

mento do nosso traje de pescador. Em cima de uma mesa estava um monte de barretes. A' ordem de avançar todos corremos para eles, precipitadamente, como se não houvesse barretes que chegassem. Naquela desordem agarrei-me ao primeiro que me caiu nas mãos. Vou a experimentá-lo e souro uma decepção: era muito apertado. Mas não desanimei; aquele é que eu já não largaria. E com as duas mãos, em movimentos precipitados de balancé, fazia os maiores esforços para enfiar o barrete. Olhava para os outros companheiros e via-os com seus barretinhos muito satisfeitos, todos geitosos. Uma espécie de agonia dominava-me. Então, aos esforços das mãos juntei a colaboração da cabeça, fazendo com ela movimentos de parafuso. Foi o desastre! Sentí um estalo no pescoço, e uma dor agudíssima. E o pescoço, durante um mês, não se mexeu nem mais um milímetro. No dia seguinte, no jardim, com outro barrete, um aprumo exagerado distinguia-me dos outros companheiros. Muito teso, muito hirtó, devia ter irritado quantos me olhassem, quando afinal ninguém conhecia a significação trágica daquela antipática postura.

Já lá vão perto de quarenta anos! Era eu, então, um rapazito da escola.

Um destes dias vi os bombeiros marchando nas ruas da cidade, com bandeira e música. Tudo tão belo, tão evocativo, tão igual a sempre, que no meu espírito, enlaçando passado e presente, se originou uma natural transmutação de personagens. E revi os homens do passado, tão presentes e tão vivos que me deu ganas de saltar para a rua e, como dantes, marchar ao lado deles.

Dezembro de 1956

Albano Pedro da Conceição

# Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

SETENTA e cinco anos de existência!!... Três quartos de século de vida impoluta, fecunda, altruista. Bem dita hora em que um punhado de homens de alma e coração se lembraram de tomar sobre si o encargo de formar uma Associação em prol da humanidade e cujo lema era *coragem e abnegação*. De facto se formou, tendo esse punhado de homens posto de parte o seu bem estar e oferecendo desprendimento da própria vida. Assim, se há um perigo iminente ou incêndio, o seu heróico altruísmo impele-os a correr per entre o fumo e as brasas a salvar a vida do próximo e os seus haveres materiais. Bem dito o momento que nesta data faz setenta e cinco anos, celebrando as suas bodas diamantinas, cobertas de feitos gloriosos.

São estas simples e sinceras palavras que brotam do meu coração e de minha alma com verdadeiro entusiasmo e dedico à Companhia Velha, assim chamada popularmente, tendo a firme certeza que a nossa terra, que durante esse longo espaço de tempo colheu as honras e benefícios a ungrirá dos louros da suprema gratidão e seus aplausos e que ela continuará *ad aeternum* a registar os feitos benéficos e gloriosos.

São estas as breves palavras que dedica à Companhia Velha o humilde nonagenário

SILVA ROCHA

## Casimiro

MÓVEIS  
ESTOFOS  
DECORAÇÕES

Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 18

Telefone 107 AVEIRO

## Agências Distritais

RÁDIOS PHILIPS  
MOTOS JAWA  
SCOOTER'S NSU - PRIMA  
Frazão & Oliveira, L.da

Telefone 484 AVEIRO

## ULYSSES PEREIRA

Rua Engenheiro Silvério Pereira da Silva, 10

AVEIRO

Filial em Vizeu TELEFONES AVEIRO 66 VIZEU 2436

AGÊNCIA DAS COMPANHIAS

Sociedade Central de Cervejas, Vidago, Melgaço e Pedras  
Salgadas, Companhia Portuguesa de Tabacos e Sociedade  
da Água de Luso

DAS EMPRESAS

Promatte-Produtos Maltados, L.da, Aveirense, L.da,  
e Águas de Monfortinho



## Arcada Hotel

Optima situação

Recomendado pelos  
Automóvel Clube de Portugal  
e Automóvel Clube de França

Telefone 78 e 750 — AVEIRO

Uma coisa não se acabou: a **SORTE**

Lotarias todas as semanas na

### Papelaria Borges ABRAÃO BORGES

Papelaria, artigos escolares e de Escritório,  
Postais Ilustrados, Canetas de tinta permanente das melhores marcas, Novidades e Valores Selados

Praça Marquês de Pombal — Telef. 281

**AVEIRO**

Deposítário Oficial da IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

## Varela & Filho

Rua Combatentes da Grande Guerra, 56

**AVEIRO**

Fabricação de canas, carretos e amostras  
para pesca desportiva.

Consertos de canas e carretos de qualquer modelo e marca.

A melhor casa do género do Distrito

## Centro Comercial de Aveiro, L.da

GRANDES ARMAZÉNS DE  
LOUÇAS DE PORCELANA  
ESMALTES, VIDROS,  
CRISTAIS, ETC.

Av. Dr. Lourenço Peixinho — AVEIRO

TELEFONE 168

# Companhia Portuguesa de Celulose

S. A. R. L.

Capital Esc. 150.000.000\$00

Sede em Lisboa

Rua Castilho, 90-5.º

Instalações Fabris em

**C A C I A**

Fabrico de pastas kraft crua e branqueada; papeis kraft para embalagens, jornal e impressão; cartão canelado, caixas, sacos e fita gomada; óleos resinosos (Tall Oil) e Terebintina.

# AVEIRO

**C**ORRENDO a terra portuguesa, de lés-a-lés, sentimos as suas variantes profundas, quer na paisagem quer na índole dos seus povos.

Há como que uma identificação entre o carácter individual e o meio que o cerca.

No Alentejo, por exemplo, onde já estive por duas vezes, tudo parece planificado.

É planície extensa e monótona a paisagem que nos rodeia; um eflúvio triste e enibriante evolva-se da própria terra; sentimos como em nenhuma outra parte a dor profunda da solidão.

O carácter do alentejano, agarrado ao solo donde nunca emigra é merencório; a sua voz é pastosa, duma melopeia monocórdica, que se expressa assim nos próprios cantares.

Nota-se logo a influência árabe e as raízes profundas que lá deixou.

No Minho, ao contrário, tudo é diferente. O que no Alentejo é extenso, compacto, fechado em si próprio, é ali pequenino, achegadinho, cheio duma franqueza vibrante.

O seu povo, mais do que qualquer outro, é alegre, vivaz, todo comunicativo.

A sua paisagem, sem dúvida, é das mais belas de todo o país.

Viana do Castelo, por exemplo, é uma tela fulgurante de beleza sem par. Pois o vianense é também como tudo o que o cerca ruidoso de sons como a sua paisagem é ruidosa de cores, alacre como ela, comunicativa, terrena, muito humana.

O sangue árabe já ali não deixou vestígios, pois a dominação mussulmana muito pouco se demorou por lá. Mas se meditarmos bem, notaremos que essa mancha populacional tem uma típica acentuação étnica que a torna diferente de todas as outras regiões. Talvez sangue suevo que por ali se derramou para sempre.

Nas outras províncias dá-se o mesmo!

Quer seja o estremenho, quer seja o beirão ou o algarvio, profundas diferenças o delimitam entre si, com o fundo próprio de cada paisagem para cada qual.

Aveiro, a nossa região, é um todo desgarrado no todo português.

A sua paisagem, por si, é já única no país, para não dizer no próprio mundo.

A ria é um acidente geográfico que em nenhuma outra parte encontramos e que modelou o seu *hinterland* numa estrutura nova, diferente de todos os outros meios.

Definir essa paisagem, impossível. É nostálgica e alegre ao mesmo tempo, vasta e muito aconchegada; possui todos os cambiantes, e, se de manhã pode parecer vibrante e juvenil de entusiasmo, à noite, já se transformou num aspecto de profunda tristeza, com os seus póres de sol inconfundíveis.

O povo de Aveiro é como a sua região, diferente de todos os outros.

É só igual a si próprio.

Povo franco e energético como não encontrei em qualquer outra parte, imbuído dum espiritualismo que o torna num viveiro de poetas, artistas ou homens de ciência, o aveirense, e quem diz aveirense diz todo o natural do Baixo-Vouga, é um ser marcante não só no seu meio como em qualquer parte do mundo em que habite.

Há 22 anos que deixei Aveiro onde residí durante outros vinte e dois.

Lá decorreram os melhores tempos da minha vida.

Pois bem, Aveiro, nestes 22 anos, não me tem saído do coração, tão profundas raízes ali se criaram.

Houve na sua paisagem, no seu povo, na sua hospitalidade, uma magia tão grande, a que nunca mais me pude furtar, e que de mim fizeram o aveirense mais convicto, o mais amante da sua terra, embora o mais humilde e o mais despoído de qualquer valor.

ANTÓNIO CARDO

# BANCO REGIONAL DE AVEIRO

FUNDADO EM 1920

Capital autorizado 10.000.000\$00

**Descontos e transferências**  
**Aberturas de crédito**  
**Depósitos à ordem e a prazo**  
**Cobrança de juros e dividendo**  
**Todas as operações bancárias permitidas**  
**por lei**

Tele (fone 31 gramas REGIONAL

FOTO

*Henrique Ramal*

Retratos de Arte

Trabalhos para Amadores

Rua Direita, 29

AVEIRO

Telef. 127

## VOLKSWAGEN

O Automóvel  
que assombrou  
o Mundo

Representantes

**Vieira Tavares, & C.a L.da**  
ESTAÇÃO DE SERVIÇO E OFICINAS  
GARAGEM CENTRAL  
Avenida Dr. Lourenço Peixinho-AVEIRO-Telef. 408

TELEFONE N.º 2 \* TELEGRAMAS: LANIFÍCIOS \* APARTADO N.º 15



DEPÓSITO DE CHALES E LANIFÍCIOS  
VENDAS SÓ POR JUNTO

# A. Estrela Santos

## AVEIRO

O Armazém mais antigo do Distrito  
possuindo o sortido mais completo

SOC. ARTIBUS, L.<sup>DA</sup>  
AVEIRO-PORTUGAL—TEL. 424



# Artibus

LOUÇAS DOMÉSTICAS e AZULEJOS  
LOUÇAS DECORATIVAS

## Sapataria JUSTIÇA

Últimas novidades Sempre Modelos  
Solos e cabedais

Representante de várias marcas

Calçado de luxo para Homem, Senhora e Criança

Rua Comb. da Grande Guerra, 21—AVEIRO  
Telefone 310

## CASA DOMINGOS LEITE

DE

### Tavares Ferreira & Filhos L.<sup>da</sup>

Mercearia, ferragens, drogas, etc.

R. Viana do Castelo, 5 e 6—R. José Estêvão, 1 e 3  
Telef. 78—AVEIRO

## CAFÉ AVENIDA

### O SALÃO DE CHÁ DE AVEIRO

Av. Dr. Lourenço Peixinho — Telefone 345

Fábrica de Malhas *Garela*

DE

### João Campos

CONFECÇÕES POR MEDIDA  
SEMPRE NOVIDADES

Depósito: R. Conselheiro Luis de Magalhães, 45  
Telefone 341—AVEIRO

## Francisco Piçarra & C.a, Lda.



Construção, transformação e  
reparação de máquinas eléc-  
tricas e seus acessórios. Ins-  
talações de Baixa e Alta  
Tensão

Stand de Exposição e Vendas:  
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 69

Escritório e Oficinas:

Rua Comandante Rocha e Cunha, 98-100  
Telef. 92 e 714 FRÁPIL—Apartado 20—AVEIRO

## Sousa & Irmão, L.da

Tintas, Óleos, Cimento, Cal hidráulica, Lonas, Pregos, Chapas zincadas — e Metal, Ferro, Ferragens, etc. —

**APRESTOS PARA NAVIOS  
PRODUTOS ROBBIALAC**

R. João Mendonça, 27 — AVEIRO

**TELEF. 768**

## Testa & Amadores, L. da

Armazém de mercearias por junto e a retalho. Agências Bancárias e Depósitos da Companhia Portuguesa de Tabacos

TELE { fone 26  
gramas - TESTA  
**AVEIRO**

## Abel Santiago

**CASA DAS UTILIDADES**

**NOVIDADES DOMÉSTICAS E DE COSINHA**

Telefone 676

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 124 - AVEIRO

## Vieira & Roque, L.da

**EMPRESA DE CAMIONAGEM**

Transporte de mercadorias e toda a qualidade de objectos transportáveis para qualquer ponto do País e transporte de mobílias de porta a porta. Serviços combinados com os Caminhos de Ferro Portugueses e Centrais — Máxima seriedade em todos os serviços.

Rua José Rabumba, 7 — AVEIRO

(Antiga Rua das Barcas)

**AVEIRO**  
TELEFONE 216

## JOSÉ DE PINHO NASCIMENTO

NEGOCIANTE DE PEIXE E SAL

COMISSÃO  E CONSIGNAÇÃO

Telefone 210 PBX

Telegr. :- José Pinho Nascimento — Aveiro

**PRAÇA DO PEIXE — AVEIRO**

## LOJA DAS MEIAS

CAMISARIA, GRAVATARIA,

GABARDINES

MALHAS E MIUDEZAS

Rua José Estêvão, 22 — AVEIRO

**TELEFONE 454**

## Armas para caça, defesa e recreio

Novas ou usadas

Se desejam comprar ou vender,

Consultem o Armeiro

**MANUEL A. VELHO**

Rua Comb. da Grande Guerra, 64 — Telef. 241

**AVEIRO**

## LOPES DE PENAFIEL

LANIFÍCIOS PARA HOMEM  
DAS MELHORES MARCAS  
NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

CONFECÇÕES  
TIPO AMERICANO

Rua Combatentes 6. Guerra, 12 — AVEIRO

**TELEFONE 772**

# Companhia Aveirense de Moagens

S. A. R. L.

Moagem de Cereais, Descasque de Arroz  
e Farinhas para alimentação de gado

End. Teleg.: MOAGENS

Telef.: 41

AVEIRO

## PASTELARIA CENTRAL

Café Arcada

Esmerado serviço de RESTAURANTE

Rua Viana do Castelo, 1, 2 e 3

Telefone 42 — AVEIRO

ARMAZÉM DE AZEITE

**Quarte dos Santos & Correia, L. da**

Esgueira — Aveiro

Telefone 33

C  
A  
F  
É



Café feito dos  
melhores lotes

Rua João Mendonça

AVEIRO

Telefone 205

Filial em S. JACINTO

Ouro  
Pratas  
Relógios  
Jóias  
Óptica

A Óptica

Ourivesaria Vieira

R. Viana do Castelo, 7

Telef. 274

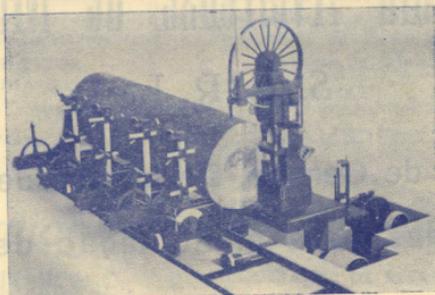
R. José Estêvão, 23

Telef. 274-P. P. C.

AVEIRO

# Boia & Irmão, L.da

Fabricantes  
de  
Máquinas  
Industriais  
e  
Aparelhos  
Marítimos



Fundição  
de  
Ferro e Bronze  
Soldadura  
Eléctrica  
e a  
Autogénio

Cais do Paraíso — Telefones { Escritório 146  
Residência 466

AVEIRO

visite VISITES VISIT  
AVEIRO

CIDADE DE TURISMO  
INFORMAÇÕES — RENSEIGNEMENTS — INQUERIES



Comissão Municipal de Turismo — Telefone 180



## SUMÁRIO

	Pág.
O Meu Grão de Incenso — D. João Evangelista de Lima Vidal . . . . .	3
Saudação — Dr. Francisco do Vale Guimarães . . . . .	3
Nas « Bobas de Diamante » da Associação H. dos Bombeiros V. de Aveiro — 75 anos de Altruísmo — Dr. Humberto Leitão . . . . .	5
Admiração pelo sacrifício e pela coragem — Dr. Alvaro Sampaio . . . . .	5
Uma certeza — Moura e Silva . . . . .	12
Altruísmo obscuro e anónimo — Dr. José Tavares . . . . .	13
A Minha saudação — Coronel Serafim de Moraes Júnior . . . . .	13
Cruzada do bem ou a explosão do amor — Dr. Querubim Guimarães . . . . .	15
O fogo leva tudo! — Desembargador Melo Freitas . . . . .	17
O bem pelo bem — Prof. Dr. Barbosa de Magalhes . . . . .	19
Está no Evangelho — Padre M. Caetano Fidalgo . . . . .	23
À procura de um significado para a palavra « Humanidade » — Dr. Vasco Branco . . . . .	25
Herança sagrada! — Dr. Alberto Souto . . . . .	29
Presente! — D. Carolina Homem Christo . . . . .	31
Saudação — Eduardo Cerqueira . . . . .	33
Grimpa gloriosa — Carlos de Moraes . . . . .	35
Um escândalo! — Dr. David Cristo . . . . .	37
Evocação — Dr. Albano Pedro da Conceição . . . . .	39
Associação Humanitária — Prof. F. A. da Silva Rocha . . . . .	41
Aveiro — António Cardo . . . . .	43

Propriedade da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

EDITOR: AUGUSTO PINHO VARELA

Visado pela Comissão de Censura

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA UNIVERSAL — AVEIRO — TELEF. 125

1882

bibRIA

1957

# Promotores das Bodas de Diamante

## COMISSÃO DE HONRA

Engenheiro Alberto Branco Lopes  
Ricardo Pereira Campos Júnior  
Orlando Moreira Trindade  
Carlos Aleluia  
Alberto Casimiro Ferreira da Silva  
Eduardo Cerqueira

## SUB-COMISSÕES

### *Desporto*

Dr. José Cristo  
José de Oliveira Ferreira  
Manuel de Castro

### *Baile*

António Luís Moraes da Cunha  
Carlos Grangeon Ribeiro Lopes  
Agnelo Casimiro

### *Merenda às corporações representadas*

2.º Comandante Gonçalo Pinto  
Chefes Manuel Costa Freitas  
e João Soares

### *Revista «Humanitária»*

Manuel José da Costa Guimarães  
Amadeu Ala dos Reis  
Augusto Pinho Varela

### *Parada*

Tenente Jaime da Silva Sabino  
João dos Santos  
Carlos Alberto Pinho Varela  
Décio Cerqueira

### *Arraial*

José Rodrigues Vieira  
João Nunes Ferreira Salgueiro  
Carlos Júlio Duarte Matos

### *Recepção*

A Direcção e o Comando

---

A Comissão Promotora da publicação da Humanitária agradece muito reconhecida a todas as pessoas que se dignarem prestar a sua colaboração e auxílio, tornando possível levar a bom termo a missão que lhe foi confiada.